Panoramas da vida humana.

RESUMO

PANORAMAS DA VIDA HUMANA
FLAGRANTES SERTANEJOS
RÍTMOS DE SONHOS
HARPA EÓLIA
NO ANO JUBILAR
NA SEARA DA FÉ
NECROLÓGIOS

PETI
[redacted] João Damasceno Vasconcelos
Sala Cruz — Ceará

ÍNDICE

Pág.

A Sonhar e a Cantar 13

PANORAMAS DA VIDA HUMANA

Reflexões em Dimensões Cristãs 19
Na Essência das Cousas 43
Filosofando 44
Da Liberdade Humana 45
Aos que não têm fé 46
Ao Camponês de Minha Terra 47
Problemas 49
Nas Mãos de Deus 50
O Homem 52
Os Corações 53
O Bem e o Mal 54
Formas e Fatos 55
Aos que Lamentam 56
A Felicidade 57
O Tentador 58
Prece 59
O Amor e o Ódio 60
O Sofrimento 61
Versos à Felicidade 63
Visão 65
Aos Ricos 67
Diante de um Esquife 68
A Alma Humana 69
A Alegria 70
Na Vida 72
A Bondade 73
Simplicidade 74
Em Ritmos de "Bossa Nova" 75

FLAGRANTES SERTANEJOS

Manhã de Inverno 79
Crepúsculo Invernal 80
O Riacho 81
O Rio Acaraú 82
No Campo 83
Evocações 84
Matinais 85
Vesperal 86

ESCOLA DE 1o. GRAU JOÃO DAMASCENO

Cont.

O Mês de Maio 87
A Lagoa 88
Fins D'água 89
O Lavrador 90
As Roceiras 91
No Sertão é Assim 92
Na Aldeia 93
Na Fazenda 94
Recordando 97
Vamos 98
Conversa de Calçada 99
A Xandoca e o Flávio 100

RÍTMOS DE SONHOS

O Sonhador 117
Na Céla de um Poeta 118
Sonho Artístico 119
A Inspiração 120
Das Idéias 121
Revelação 122
Doce Sonho 123
Essência das Distâncias 124
Delícia e Castigo 125
A Um Poeta 126
Ouvindo Música 127
Olhando o Mar 128
Contemplando a Natureza 129
Expande-te 130
Sonhos 131
Analogia 132
Noturno 133
Exortação 134
Planta Sem Seiva 135
Retrospecção 136
O Sol 137
Gema Galgani 138
Seis Anos 139
Damasceno Filho 140
Bela Cruz 141
Cidade de Acaraú 142
Fortalêza 143
Meu Ceará 144

Cont.	Pág.
Pátria Brasileira	145
DEUS	146
HARPA EÓLIA	
A Voz do Vento	149
O Vento	150
Ouve!	151
Melancolia Eólia	152
A Briza Matutina	154
NO ANO JUBILAR	
No Ano Jubilar	157
NA SEARA DA FÉ	
A Encarnação de Cristo	173
Nascimento de Jesus	174
No Pôço de Jacó	175
Na Vida e na Morte de Jesus	176
Na Ressurreição	177
Na Ascenção	178
Na Eucaristia	179
Pentecostes	180
A Salvação de Cristo	181
A Fé da Igreja	182
Visão da Cruz	183
À Maria Santíssima	184
São Pedro	185
São Paulo	186
São José	187
São João Batista	188
São Sebastião	189
São Luiz de Gonzaga	190
São Vicente de Paulo	191
Adoração	194
NECROLÒGIOS	
À Minha Mãe	197
Ao Meu Pai	198
Lucídia	199
Maria Lima	202

ESCOLA DE 1o. GRAU
JOÃO DAMASCENO

ESCOLA DE 1o. GRAU
JOÃO DAMASCENO

A Sonhar e a Cantar

I

A sonhar e a cantar vou pela estrada
Da vida, que o Senhor me destinou . . .
Canto as flôres do campo e a passarada
Que de sons meu retiro, assim povoou.

Canto os ventos, a flora perfumada
E a fonte que soluça e se enfeitou
De arabescos de sol, a luz prateada
Que a imperatriz das noites derramou.

Canto o rio sonoro e caudaloso,
O mar profundo, a fé num Deus bondoso,
O amor, a vida, a morte e o ceu, a sonhar.

Eu canto, enfim, as pedras e os espinhos
Que me ferem os pés pelos caminhos,
E assim meus sonhos todos vou a cantar.

II

A divulgar-me os sonhos, versos meus,
Seguireis na trilha humilde dos pequenos.
Por certo não ouvirão vossos serenos,
Quão modestos cantares tabareus.

Mas, que importa? Louvai com ardor a Deus;
Propagai o culto da bondade e os trenos
Lêdos do amor, da paz, da fé e os amenos
Fulgores naturais e o azul dos ceus.

Seguireis a florir casta paisagem...
E a todos levareis nesta passagem,
A mensagem do sonho e da esperança.

Vêde a origem modesta que trazeis,
Mas nos umbrais do público entrareis
Com a bondade dos simples e a confiança.

ESCOLA DE 1º. GRAU
JOÃO DAMASCENO

III

Trajais, dirão, por certo, ó, meu livrinho,
Vestes talhadas ainda à moda antiga.
E assim desconhecido e assim sòsinho,
O aspecto lhes dareis de quem mendiga.

Mas, (quem sabe?) achareis pelo caminho,
Alguem que vos acolha, voz amiga,
A oferecer um pouco de carinho
E um pedaço de teto a que se abriga!

Se entre as pompas atuais do mundo da arte,
Das lêtras, das ideias, e, em tôda a parte,
Não encontrades nem pouso e nem guarida,

Sòsinho recolhei-vos ao êrmo, crente,
Tal como aquêles Monges lá do Oriente,
Absorto a meditar o Amor e a Vida.

I V

Se ao fruir, logrardes espiritualmente,
De nobres corações sincera aliança,
Gratidão lhes dareis e amàvelmente,
Da vossa pobre graça ingênua e mansa.

Cuidai que refloresça, humanamente,
Tôda a árvore do Sonho e da Esperança,
Que à mingua do alimento, se ressente,
Da fê, do amor, da paz—Divina Herança.

E ao mundo atormentado déstes dias
Escravo de paixões e de utopias,
Na nevrose do absurdo, dos seus mitos,

Cantareis a Jesus—Fonte querida
Da Verdade, a jorrar a Água da Vida
A um chão, por vezes, de ásperos granitos.

Panoramas da Vida Humana

Reflexões em Dimensões Cristãs

I

Porque tirar ao cálice da vida
O seu nobre conteúdo mais humano?
Do seu destino eterno e soberano,
Porque a corrente lhe há de ser partida?

Porque fugirmos ao Divino Plano
Que a existência nos torna enriquecida?
De que nos vale a guerra atra e homicida,
Como o sabre, pendente, do "tirano"?

Há no ódio e na ambição tanta fereza!...
Porque a humana consciência trazer prêza
À carência moral de tais ideias?...

Se não respondem a esta inquietação
Que predomina em nosso coração,
Porque cultuar as fórmulas atéias?...

II

Se nos constantes e áridos deveres
Da profissão, do estado a que abraçamos,
Sentimos, muita vez, os nossos seres
opressos de aflições quando lutamos

Pela posse dos lícitos haveres
De perfeições sem conta, a que almejamos,
Da ciência, da cultura, aos sãos prazeres
Da moral e da Fé que professamos,

É que da árdua conquista à trajetoria,
Um conflito, acentua-se, cuja história
Nos custa discernir com precisão.

Deficiências, talvez, da mente humana...
Limitações, das quais já não se ufana,
Quem as sente oprimir-lhe o coração.

III

É um trabalho esfalfante e verdadeiro
A que se entrega a inteligência humana,
Dos bens pela conquista suberana,
Enquanto o esfôrço lhe dedica inteiro.

Se ao espírito perdido em tal roteiro
Do domínio da ciência útil, profana,
Por vez empalidece a luz que emana
Da verdade e da fé no Ser Primeiro

É a crise do equilíbrio e da coerência,
Que se deflagra ao nível da consciência,
Deixando-nos perplexos, na aflição,

Ante esta ameaça de esfacelamento
Da unidade interior do pensamento
Que à vida dá sentido e explicação.

IV

Ó Deus, autor de tudo quanto existe,
Da Razão à mesma Fé, da Natureza
Às Arte, da Cultura a esta Beleza,
Que, ouve tu, ó engenho humano, jamais fruiste!

Manifesta, bondoso com o homem triste,
A Glória que em Ti habita da Realeza
De eternos atributos de grandeza,
Cujo explendor divino em Ti subiste!

Se a análise dos fatos da matèria,
Alguma vez supomos que nos prende
Demasiado a esta terra de miséria,

Ó escuta-nos, Senhor, esta oração:—
Com a tua ciência imortal que ao ceu transcende.
Conserva a integridade da Razão!

V

Do Concílio de Roma venha ao mundo
O torrencial de graças e de luz
Que emana do Evangelho de Jesus
E nas almas penetra-lhe fecunda.

Seja-lhe o Plano a renovar-se oriundo,
Por inculcar-lhe os méritos da Cruz,
De um Pentecostes novo, e que lhe induz
As verdades da fé viver profundo.

Na unidade cristã do mesmo Deus,
Tôdas as suas promessas sejam cridas
Dos corações que tendem para os Ceus.

Fieis ao corpo social da sã Doutrina
Das eternas verdades definidas,
Na Cátedra de Pedro que as ensina.

VI

Poupemos ao Senhor, quanta tristeza,
De ver os filhos seus tão divididos
Por fundas dissenções de natureza
Dogmática e moral, emperdenidos.

Afastemos de nós êstes pruridos
Do amor próprio ofendido. A subtileza
Do sofisma dialético. Os renhidos
Embates polemistas, com nobreza.

Lembremo-nos que a Deus temos por Pai.
E que a Virgem é a nossa Mãe querida,
Pois no-la deu também Nosso Senhor.

Pelos teus filhos, Virgem Santa, orai,
Que a humanidade tôda esteja unida
Nos braços de Jesus que é todo amor.

VII

O cristão que apostata a fé da Igreja,
Perpetra um sacrilégio contra a luz.
Desarvora-lhe o barco que veleja
Sôbre o oceano da vida e lhe conduz.

Junta à Sarsa Divina que lampeja
No tôpo do Calvário, sôbre a Cruz,
É uma atitude ingrata, a qual enseja
O mutilar do Corpo de Jesus.

Membro do Corpo Místico de Cristo,
Vivemos solidários, certos disto,
No sacrifício e na ressurreição.

Que não sejamos membros amputados
Da sociedade dos predestinados
À Glória Eterna, pela salvação.

VIII

Predestinado à Glória é tôdo aquêle
Que ama a seu Deus e faz por cumprir bem
Os preceitos da Lei que nos impele
À Trindade Divina que a mantém.

Nossos irmãos também amemos Nêle.
— Seu desejo de Pai só nos convém...
Do egoismo vil, fujamos, que repele
Os dons de Deus nas almas que o retêm.

Aprendamos a ver no nosso irmão
O próprio Cristo que de nós se acerca,
A nos pedir o amor e tudo aquilo

Do direito fraterno. A veste e o pão,
Se é pobresinho. Amigo, não se perca
O momento propício de servi-lo.

IX

Que das sábias Encíclicas Papais,
Do Romano Pontífice, em verdade,
Corram fontes de vida e santidade
Fortilizando o mundo para a paz.

Fé, Justiça, Esperança e Caridade,
Tenham no órbe aleluias monumentais...
E os corações se abracem, fraternais,
Num clima de recíproca amizade,

Que o canto dos Pastores de Belem,
Mais vigoroso e forte nêste dia,
Às Nações anuncia o Supremo Bem.

E, guiados pela Estrêla do Senhor,
Nos Espíritos cesse a guerra fria,
Os ditames seguindo à lei do Amor.

X

Com os recursos da técnica moderna
Que a vida no planeta dinamiza,
O templo, a escola, os lares e a caserna,
Conservem-lhe o princípio que humaniza.

Se o formidável surto, intranquiliza,
Da ciência nuclear, a paz hodierna,
Que a humana grei que se materializa,
Ponha-a a serviço da Verdade Eterna.

Que ao confôrto da espécie, nunca à morte,
E aos seus direitos líquidos, sagrados,
Sirvam-lhe, enfim, de bússola e de norte.

Suas pesquizas, inventos e oficinas,
Sejam ao bem comum subordinados,
No ontológico acato às leis Divinas.

XI

O estupendo progresso da eletrônica,
Em prodigioso avanço assinalado,
Se constitue hoje obrigatória técnica
Nos serões do homem culto ou de iletrado,

Não lhe escape a feição vora antagônica
Desta era nuclear de engenho ousado,
Cujo alcance jamais foi crônica
Dos povos, francamente analizado.

O mundo aplaude eufórico e contente,
A corrida especial, que, tão frequente,
Marca enormes sucessos e aventuras,

Como se fôsse livre torcedor
De um divertido esporte "bicolor",
Na inconsequência de gloríolas puras.

XII

Com atentar nas graves circunstâncias
Que cercam de contínuo a evolução
De tais feitos grandiosos, na ilusão
De prestígio atingir às culminâncias,

Na conquista lunar, ou das estâncias
De Marte ou Venus, como da expansão
Em tôdo o Cosmos, na sideração,
No anseio de glória e de predominâncias.

Vertiginosas ciência da astronáutica,
Pela tua trajetória cosmonáutica,
A nós sêres humanos, pequeninos,

Trazes muito temor e inquietação
Que não logramos contrapor, senão
Amparados na fé e no amor divinos.

XIII

No seio, lavram-se, das Nações, nefárias
Sementes de vinganças, de expansões
Barradas, contrafeitas ambições,
Que poderão romper-se, temerárias.

As suas conquistas interplanetárias
Pôem à prova o bom senso das Nações,
Interpõe-se-lhes lutas, dissenções,
À Doutrina da Paz mui refratárias.

Na era dos Marinets, Sputiniks,
Geminis colossais e dos Luniks,
Que em tão perfiada e louca emulação,

A espaços "nunca dantes navegados",
Como diria Camões — lhes são atirados
Na febre da conquista e exaltação.

XIV

Ébrios, perdidos, de autosuficiências
Como impregnados Com tal fama e glória
De uma grandeza falsa e transitória
Que às próprias leis infringe das consciências,

Os arautos autênticos das "ciências
Emancipadas", cuja trajetória
É a permanente negação da História,
No que lhe criou as mais belas contingências,

De humano orgulho cheios de ambições,
Esquecem-se de Deus e de si próprios,
Desconhecendo as próprias dimensões.

E exaltam-se na mesma pequeneza,
Sendo os seus gestos trágicos, ipróprios,
Por não curvar-se a Divinal Realeza.

XV

Olhai, Senhor, propício, êste planeta,
As guerras que lhe sangram, esta ameaça
Que gravemente paira sôbre a raça
Humana, num dilema de côr preta

Não carece, de fato, ser vedeta,
Que através da cortina de fumaça
De um dilúvio de fôgo, por desgraça,
Se preveja, iminente, a silhueta.

O manancial de fôrças conquistado
À própria Natureza, é ao homem dado,
Para o seu próprio bem, ou para a ruina.

Que frágeis, vê Senhor, que os homens são,
Pois mal podem contê-lo à própria mão,
Na sêde de revanche que os domina.

XVI

Afastai a humanidade, ó Deus clemente,
Da tragédia fatal de uma outra guerra
De caráter mundial, qual nos aterra
Com o seu espetro feróz, sinistramente.

Dantesca, apocalíptica e destruente,
Seu vasto potencial armado encerra
A própria desagregação da terra
Em suicida arremesso de demente.

Seus possantes foguetes teleguiados,
Bomba atômica, bomba hidrogênio,
Estremecer nos fazem desolados.

— São a destruição do mundo da matéria,
Postas nas mãos da guerra — o próprio gênio
Do mal — com o seu cortejo de miséria.

XVII

Vós, irmãos, que viveis num tempo incerto,
De tão graves problemas, nunca visto...
Parai um instante, meditai bem nisto,
E a solução buscai num lugar certo.

O efeito negativo, o desacérto
Da ciência dita humana, está previsto,
Se lhe falta o calor da Lei de Cristo
A infundir-lhe a estrutura bem de perto.

Buscai-a nas fontes da Verdade Eterna
Do amor de Deus, do amor do vosso irmão,
Sob a tutela divinal, paterna.

Que o Evangelho cristão seja acatado
Com amor, na voz da Igreja, e a Salvação,
Com a solução de tudo, haveis achado.

XVIII

Um dia Jesus a tôdos predissera,
No seu profundo e divinal sabor,
Quando ensinava aos homens o dever
De fugir à mentira e à vã quimera,

Como a buscar no amor que regenera
As grandes normas sábias do viver:
—Nada podeis de bom sem Mim fazer
Separados da Fé que os Santos gera.

Sob o cetro de amor da minha lei,
Encontrareis no mundo atormentado,
A vida e a paz que a tôdos ofertei.

Quais ramos de videira, crescereis
Enxertados em Mim, tal vos foi dado;
Se decepados, todos morrereis.

XIX

Senhor! que todos possam da harmonia
Dêsses bons usufruir que lhes deixaste,
Participes da glória e da alegria
De verdadeiro e de útil que operaste.

Dê-se-lhes a Doutrina que ensinaste
Das plagas da Judeias e da Samaria.
Como na obra do Sábio de Tagaste,
Une o efêmero à Eterna Sinfonia

Que prorrompe lá do alto onde repousas,
Ao feliz elo universal das cousas.
Em que o Supremo abraça o ser finito,

Nêste liame profundo da criação,
—Na fé, na inteligência e na razão,
O temporal se funda com o Infinito.

X X

E haja assim mais progresso e mais ventura,
Mais justiça, mais crença e mais amor,
No convívio da paz e da cordura,
Entre os povos libertos do temor.

E os ódios cessarão, que, porventura,
Ameacem solapar tôdo o esplendor
Da civilização e da cultura,
Dos sacrifícios fruto, do labor.

Viverão os homens como bons irmãos,
Mútuo amparo, se dando, na verdade,
Fraternalmente entrelaçando as mãos.

Cada conquista nova de progresso,
Trará mais glórias a Deus, mais caridade,
Mais confôrto e mais luz para o universo.

XXI

Qual na origem de tudo está o Senhor,
Dos vários elementos que amoldamos
Às ideias; na razão que investigamos;
Nas leis que o Cosmos regem com esplendor.

Verão sábios e artistas grande amor
Manifesto nas cousas que estudamos,
Poderoso e infinito onde encontramos
Inexauríveis fontes de vigor.

Pois se nada subsiste por sí mesmo,
Pela órdem natural dos próprios sêres,
Conceber-se é impossível um mundo a êsmo.

E nêste pensamento, agradecidos,
A Deus que lhes preside os afazeres,
Bendirão, no seu culto, comovidos.

XXII

Quando, então, Seus desígnios de bondade
Terão plena e fecunda execução.
E os corações dos homees gozarão
Da duradoura Paz da Divindade.

Com o abandonar do mundo a iniquidade,
Os vãos domínios da superstição
De tôdos os matizes, lucrarão
Os valores morais da humanidade.

Do espírito os anseios demais supinos
Acharão, finalmente, a liberdade
De encaminhar-se para os seus destinos.

Quando sôbre as Nações assim conversas,
Resplanderá uma nova cristandade,
Sob as bênçãos de Deus, santas, diversas.

XXIII

Não mais nos corações terão guarida
A maldade e a loucura dos prazeres.
E o verdadeiro senso dos deveres
Dominará as consciências de vencida,

Uma noção mais alta e esclarecida
Da suprema razão dos nossos sêres,
Fará que as relações entre os poderes,
Entre os ricos e os pobres, nesta vida,

Guardem novo conceito mais humano,
Mais justo e mais honesto, que condiga
Da equidade ao consenso soberano

Que deriva de Deus e é lei moral,
Que recompensa os bons, que os máus castiga,
No seu supremo Juizo universal.

XXIV

E os povos, bem contentes, marcharão
Confiante, servidores da Verdade,
Em permanente e intrépida ascenção,
Na glória da conquista e da bondade.

Pois aos fatos da História legarão
E ao patrimônio da posteridade,
O progresso, o respeito múluo e a união,
Postulados, que são, da liberdade.

E as gerações vindouras bendirão
A grandeza moral e a sã razão,
Benfeitoras vitais da Humanidade.

E, ver-se-ão, como disse o Salvador,
Na terra, um só Rebanho e um só Pastor,
Sob o Aprisco feliz da Cristandade.

NA ESSÊNCIA DAS COUSAS

Na mansa superfície, ou na aspereza
Das formas materiais, estilizada,
Minha alma não repousa sossegada,
Até que lhe penetre a profundeza

Desta essência absoluta e ilimitada
Que à alma da luz e vida à natureza,
Onde a imagem de Deus vê-se gravada
Nas abstrações do sonho e da beleza.

Pois das ideias, ao fundo, contingentes,
Só há vácuos dolorosos, só vertentes,
De amargas decepções, de desenganos,

Ao qual mais alto sobe-se na vida,
Mais sente-se, à vertigem da subida,
Quão inútil e aflitivo é o esfôrço humano.

FILOSOFANDO

Constante imerso num mutismo arcano,
Vou pesquizando a crosta do planeta,
Das ideias, garimpeiro, à luz discreta,
Às conchas vou buscá-las do oceano

Da vida, no esplendor sacro ou profano.
Vi-as ao fluxo e ao refluxo da mareta...
E a cada grão que passa na ampulheta
Do tempo, esvair-se um grande sonho humano.

Só imutável e eterno permanece
À luz da metafísica divina,
Das verdades cristãs, no seu valor,

O destino dos homens, e o engrandece,
—Mais aprofundo a ciência cristalina
De Deus—eterna Vida e eterno Amor.

DA LIBERDADE HUMANA

Da liberdade humana sôbre os temas
Mais fascinantes há que nesta vida
Abrem-se em tôrno inúmeros dilemas
Em linha horizontal e indefinida.

Raro em profundidade os seus esquemas
Penetram, da alma humana, à luz vivida,
Das razões ontológicas, supremas,
Que a ciência metafísica elucida.

Só lhe conhece a essência o Cristianismo
Na sua vitalidade humana, eu cismo:
—Ó quantos ismos radicais e ateus

Invertem-lhe o sentido, exatamente:
—Ao homem negam a dimensão coerente,
E o pretendem torná-lo como um Deus.

AOS QUE NÃO TÊM FÉ

Irmãos, que olhais o mundo ao prisma da descrença
Nascida de uma concepção atéia do universo,
Por certo que vereis um mundo bem diverso
Daquêle que os cristãos divisam-lhe a presença.

Sem terdes no absoluto a Causa que dispensa
Sentido eterno à vida humana, mas, ao inverso,
Escravo de implacável tempo dêsde o bêrço,
Sereis, que vos devora o ser que sente e pensa.

Em um punhado de pó que à terra se devolve,
Na angústia do não ser, na solidão do nada,
Vereis que a liberdade humana se dissolve.

Só Cristo enche o vazío; e à trágica dor do ser
Dignos motivos dá-nos, à alma libertada,
Que, em Malégue, o Augustim pediu-os para viver.

AO CAMPONÊS DE MINHA TERRA

I

Ó nobre camponês de minha terra
Que vives pobre, mas honesto e honrado,
Teu santo exemplo de homem devotado
Que edifica e constrói por Deus, não erra.

Só desejas a paz, não queres guerra,
Posto no trabalho livre e denodado.
Velas teu lar modesto e respeitado,
Onde o amor e a ventura humilde encerra.

Detestas as violências sanguinárias
Destas ideias, que, revolucionárias,
Em teu nome se pregam,—luta insana.

Que te venha a assistência, de verdade,
Mas não te roube, em troca, a liberdade,
Patrimônio moral da espécie humana.

II

O cristão camponês—homem prudente,
Amigo do trabalho e do seu lar,
Não se deixa levar por essa gente
Que lhe promete o que não pode dar.

Permanece, portanto, intransigente,
Na tarefa fecunda de aumentar
A riqueza da Pátria, onde sòmente,
O confôrto dos seus há de encontrar.

Não lhe seduzem loucas utopias,
Porque bem sabe as grandes alegrias,
Só nascem do trabalho honesto e honrado.

Ama a seu Deus e a tradição cristã
Dos ancestrais, a preservar com afã,
O patrimônio que lhe foi legado.

PROBLEMAS

Sofrem os homens, sofre a humanidade,
Males sem conta que lhe afligem tanto!
Físicas doenças, convulções e o pranto,
Dores morais e o vírus da maldade.

Por tôda parte existe a iniquidade
A defamar o humano, o justo e o santo.
E pouco a pouco perde a vida o encanto
Que lhe vem da virtude e da bondade.

Entrechocam-se os homens e as Nações,
Num clima de tensão e de hipocrisias
Que a confiança destrói nos corações.

Porque estas lutas vãs de ideologias?...
Ódio a gerar, vinganças, negações?
—É que há, sòmente em Deus, paz e harmonias.

NAS MÃOS DE DEUS

I

Nas mãos de Deus ponhamos nossa vida
Com suas lutas, trabalhos permanentes;
Seus triunfos e aflições, gozos presentes,
Bem como a dor no coração vertida.

E a paz encontraremos consentida
No Coração de Deus. Resplandecentes
Suas próprias bênçãos choverão crescentes
Por sôbre, então, nossa alma comovida.

Jamais nos esqueçamos, nêste mundo,
Que se a esta vida amor temos profundo,
Do qual lhe seja o egoismo inspirador,

Por certo nos expomos a perdê-la,
Porque, sòmente às mãos de Deus, é tê-la
Eternamente, ensina o Salvador.

II

Entreguemos a Deus nossos cuidados,
Nossas penas, trabalhos tôdo o dia.
Marchemos resolutos, com alegria,
E os nossos passos não serão barrados.

Nós somos sêres livres, resgatados
Pelo Sangue de Cristo—Mestre e Guia.
Aos Seus preceitos de sabedoria,
Sirvamos-lhes com afetos sublimados.

Assim vivendo estreitamente unidos
A Deus que tudo pode e é tão bondoso,
Certo jamais seremos confundidos.

E escudados na Fé, tôdos os dias,
Teremos paz, tranquilidade e gôzo,
A desfrutar perenes harmonias.

O HOMEM

A Afonso Bruno

Qual átomo perdido no planeta,
Há um pequenino ser que pensa e sente,
Cujos sonhos transcendem tôda a meta
Sôbre a terra, e se agita, tenazmente.

Tem alma nobre, quasi tão inquieta,
Como as ondas do mar efervescente.
O Infinito, sòmente, lhe completa
A essência do seu ser, eternamente.

Aspira a perfeição dos seus recursos;
E em constantes trabalhos e concursos,
Seus dias, não raro, tôdos se consomem.

Felicidade,— é o seu desejo ardente,
Porém deixa-lhe, as sendas, tão frequente,
Quando foge de Deus, que é sua fonte—é o homem

OS CORAÇÕES

Ao Dr. João Ribeiro Ramos

Do milagre da fé o da inteligência,
Os corações isentos da maldade
Deus habita e lh'os chama, com bondade,
À perfeição do ser à luz da ciência.

Seus estímulos internos à consciência,
Nos levam a fugir da iniquidade,
À praticar o bem, crer na verdade,
A nossa alma a arrancar da displicência.

Ao eterno dinamismo do Seu Amor,
Os corações reencontrarão o calor
Que plenamente os faz viver a essência.

Da própria natureza psicológica,
E acharão, finalmente, a paz e a lógica,
No princípio imortal de sua existência.

O BEM E O MAL

O que é, afinal, o Bem? Perguntam displicentes
O cético e o covarde, os homens sem ideiais.
Uns fazem consistir-lhe nos bens materiais,
Na volúpia, outro diz, dos gozos impudentes.

Porém só lh'o conhecem as almas ardentes
Que o buscam no Senhor, na fé, no amor, na paz,
Nas virtudes cristãs e sobrenaturais,
No amor aos seus irmãos, humildes, complacentes.

"Vaidade das vaidades e tudo é vaidade,
Exceto amor a Deus e só a Êle bem servir",
—Lamentava-se o sábio e grande Salomão,

Após gozar da vida a imensa fatuidade;
Com o coração, de Deus vazio, a lhe ferir
O remorso do mal; nos sirva esta lição.

FORMAS E FATOS

Na sucessão das formas da matéria,
Montes e depressões lhes são triviais.
Há na opulência, como na miséria,
A Insegurança própria dos mortais.

Ascende o sol na profundeza etéria
—Fonte de luz e fôrças naturais.
Sobem da terra as sombras pela artéria
Que lh'as projeta aos fundos siderais.

Sempre a mercê de múltiplos fatores,
Inépto a vencer as próprias dores,
É o ser cujos contrastes bem humanos,

Levam-no à liça escura ou entre faróis,
Onde, másculos, forjam-se os heróis
E provam-se os covardes e os tiranos.

AOS QUE LAMENTAM

De nada servirão as melancolias
Da vossa dor clamar aos quatro ventos.
A triste voz dos vossos vãos lamentos,
Esbarra-se de encontro as pedras frias.

Ingênuas impressões de corvardias
Só causa à quem ouvir. E os sofrimentos
Se lhe tornam nos sestros pachorrentos
Dos tédios, a rolar pelas coxias.

Não duvideis que à estranha face ponha
Um ritus de sarcasmo e de ironia
A vós encher de mágua e de vergonha.

Aos pés de Deus, sòmente, e aos pés do Altar
Dizei-os, almas que sofrem, tôdo o dia,
E o ansiado lenitivo haveis de achar.

A FELICIDADE

Felicidade—é a aspiração constante
Que povoa o coração da humanidade.
Vêzes seu vulto de mulher, distante,
Aos homens manda acenos de amizade.

Outras, bem perto, lhes atrai, pujante;
Tôdos correm ao encontro da beldade...
Esta, porém, lhes foge a cada instante,
Deixando-os em pugente soledade.

Vê, pratica a justiça; sê constante
E humilde na virtude e na bondade,
As ofensas perdoando, sem desplante!

Pois ser virtuoso e bom, não ter vaidade,
Amar a Deus e ao nosso semelhante,
É ter a posse da felicidade.

O TENTADOR

Deus, o homem à sua imagem, criou-o feliz,
Com tal destino pô-lo, no começo,
Num lugar de delícias sem tropeço.
—Satã, porém, lhe inveja a sorte, e diz:

"Torna-lo-ei, como eu trôpego e infeliz"
E, transformado em serpe côr de gesso,
Fez o homem, infeliz, por qualquer preço,
Voltar-se contra Deus,—a Bíblia diz.

Bem mais forte, porèm, de Deus é o amor,
Do que o ódio tentador do vil Lusbel;
E do ceu à terra manda o Salvador.

É o demônio, por Cristo, assim vencido...
Mas, não desiste de tentar, revel,
Tornar-lhe escravo o ser por Deus remido.

PRECE

Vencei, bom Deus, o mal que o mundo afeta,
Numa insensata afronta ao vosso império.
Quanta falta de amor, quanto adultério,
Desfigurando a face do planeta.

Tão crueis devastações vêm da secreta
Malícia do pecado, no mistério
Interior das consciências, ao critério
Moral que lhes norteia a uma vida reta.

Quantos lares desfeitos pelo crime
De mísertas traições. Quanta impiedade
A estas famílias dilacera e oprime,

Num libelo ultrajante à santidade
Da família e do lar que o Amor redime,
No Sangue de Jesus para a verdade.

O AMOR E O ÓDIO

Faze o bem, distribui a caridade:—
Tal preceito nos deu Nosso Senhor.
Se o mundo conhecesse essa verdade,
Quanta paz haveria e quanto amor!

Não medrariam os cardos da impiedade
E aos homens pouparíam a tanta dor!...
Se lhe viessem guardar fidelidade,
Exultariam os corações em flor.

Sob a química do ódio que corrompe
O ouro do coração, lhe instila o gôsto
Do veneno letal que dêle irrompe

Com virulência tal, que ao lhe verter,
Bem pesado tributo lhe é imposto,
Pois lhe chega a minar o própio ser.

O SOFRIMENTO

I

A tragédia fatal da humana dor.
Que nos atinge física e moral,
Inspira-nos repulsa natural
Sua visita constante e o seu rigor.

Angústias, desesperos, quanto horror
Ao coração nos traz, universal,
Quem já viveu sem lhe sentir, crucial,
O enigmático e eterno dissabor?

À raiz da dor existe a frustação
Da natureza humana, em si descuida
Do venturoso estado original.

Pois que a Bíblia Sagrada tem razão,
Quando a queda de Adão descreve a vida
Que nos deixou de herança temporal.

II

Tem valor infinito, cobra alento,
Sob o prisma da Fé. Digamos poéticas,
Ao lhe aceitar a fórmula exegética
Da Doutrina Cristã do sofrimento.

Vigor nos traz esplêndido e opulento,
No aprimorar da faculdade estética
Sem trôpos literários, sem dialética,
É a dor mestra da vida e do talento.

O seu calor as almas retempera,
Quando ao fundo das cousas, sem quimera,
A sua essência feliz reencontrarão.

A dor que nos esmaga, é a mesma dor
Que purifica e eleva o nosso amor
Na direção de Deus, do nosso irmão.

VERSOS À FELICIDADE

I

Felicidade amada, — ó, tu que és boa,
Desolados, assim, porque nos deixas! ...
Não vês! Nossa existência se esboroa
Sem contemplar-te a face côr de ameixas!

Será que tu és apenas sombra atoa?! ...
Essência inatingível? ... Vão endeixas
De Sereia legendária que atraiçoa,
No mar humano, surda às nossas queixas? ..

Ou serás, porventura, tão exigente
Que não toleras conviver com a gente,
Cujos defeitos te exasperam tanto? ...

Serás, acaso, tímida ou medrosa,
Que foges como sombra vaporosa,
Deixando-nos a sós com a dor e o pranto? ...

II

Não! Seria covardia, feróz maldado,
Burlar com tal requinte o coração
Humano, incompatível com a bondade,
Atributo que é teu dêsde a criação!

O Mistério, talvez, da iniquidade,
Nos separe de tí. Vital paixão
De irressistível, forte intensidade,
Talvez exerça em nós mútua atração!

Tal segredo aclarou-nos o Senhor,
Ao falar-nos da sua missão de Amor
Que eleva e salva a pobre humanidade.

Diz-nos ter que sofrer, perdoar e amar,
Morrer o Filho do Homem, para entrar
No Eterno Reino da Felicidade.

VISÃO

I

Parece, enfim, que existe, em tôdo o mundo,
Uma invencível, vasta incompreenção.
Os Povos desentendem-se, e, no fundo
De tudo assenta a imensa decepção.

Os homens se combatem, gesto oriundo
Da vaidade, do orgulho e da ambição
Que fermentam no egoísmo do "eu" profundo,
Por dominar e impor-se ao próprio irmão.

A Humanidade vive aos males prêsa,
De um êrro causticante, ou frustração,
Que conturba a harmonia da natureza.

Nem mesmo o insonte lhe resiste à ação . . .
Milhões de sêres sofrem. Real tristeza
Nos confrange e amargura o coração.

II

Um dia brilhou, porém, na Palestina,
Faz dois mil anos, que a primeira vez,
Uma vóz se elevou clara e divina:
— Vindo a Mim, ó vós todos que sofreis

Tribulações, trabalhos, viperina
Injustiça do mundo onde viveis,
A dor, a incompreenção que vos malsina,
E, incontinente, o alívio encontrareis.

E o incomparável Mestre da Verdade,
Ensinou-nos o amor e as esperanças
Na pedagogia eterna da Bondade.

E abertas se nos foram suaves fontes
Com a sã visão das bemaventuranças
Do Sermão da Montanha, e os horizontes.

AOS RICOS

Vêde a fome e a nudez no lar do pobre,
A doença que lhe espreita e o desconfôrto.
— É um outro Cristo nas angústias do Hôrto,
Que ao Calvário da dor se nos encobre.

Que da vossa opulência se lhe sobre
Um pouco de carinho e de confôrto . . .
Irmãos são tôdos rumo ao mesmo pôrto.
Tem o plebeu seu Pai comum com o nobre.

E Deus que o humano ser, - comprovam fatos, -
Ama-o com amor de Pai, com amor de Irmão,
Vos imputa a justiça de tais atos.

E, como prêmio aos caridosos feitos,
Jesus se vos dará por galardão
Na venturosa Pátria dos eleitos.

DIANTE DE UM ESQUIFE

Venceste desta vida as trajetórias,
Quantas vêzes de espinhos alastradas,
Outras, de flôres cândidas, nevadas,
Dos teus sonhos de amor, sonhos de glórias.

Tiveste, certamente, as tuas vitórias,
Teus fracassos, também, nas enxurradas
Das turvas imtempéries das estradas,
Que, a seu modo, tiveram suas histórias.

Agora só lhe resta a sepultura,
Para os restos mortais inertes, frios,
Onde ao pó tornará da argila escura.

Ao deixar, porém, sua alma, o corpo, creio,
Imortal transpõe os páramos sombrios,
Volta ao Princípio Eterno de onde veio.

A ALMA HUMANA

Na sucessão perene dos segundos,
Dos minutos, das horas e dos dias,
Semanas, mêses, anos, (que dirias?)
Dos séculos, enfim, por sôbre os mundos.

Seríamos, como que, formas vazias,
Que um instante pontilham nos profundos
Dos arcanos eternos, e, nos fundos
Do nada, logo tombam fugidias.

Se assim tão pouco vale na estrutura
Da física substância o nosso ser,
Um princípio imortal de vida pura

Sobrevive à matéria, nos faz crer;
Partícula de Deus na sua criatura,
Tendo um destino eterno por viver.

A ALEGRIA

I

É êste vinho cordial da nossa vida,
Que nos distende os músculos cansados
E os corações nos torna dilatados,
Das consciências à grande páz vivida.

Derivada do amor de Deus; nascida
Da virtude e do bom acrisolados;
Não do gôzo profano dos pecados,
Sua antítese brutal e pervertida.

É o possante trator da nossa estrada,
Quando lhe aplana a pista acidentada
Dos revezes que a vida nos impõe.

É ainda o veículo rápido e macio
Que nos ajuda a atravessar o rio
De dor e angústias que nos interpõe.

II

Devemos cultivá-la em nosso ser,
Com carinho e desvelo, tôdo o dia,
Pela profunda dita de viver
Na promoção do bom e da harmonia.

Sob a égide, plasmemos, do dever,
A nós, um corpo são, mente sadia,
E os corações forjemos no Saber
Divino e humano, ao culto da alegria.

Amemos nossa vida no Senhor,
Por ser precioso dom do Deus de Amor,
Que como filhos seus nos fez nascer.

E teremos por tôda a nossa vida,
O imenso gôzo da missão cumprida
Na própria perfeição do nosso ser.

NA VIDA

Tudo marca na vida a brevidade
Das mais queridas possessões humanas.
Desde as riquezas e honrarias profanas
Porque se bate tanto a humanidade.

A êsses sonhos puerís da mocidade,
Da saúde e do confôrto às horas lhanas;
— Fica de tudo, enfim, porque te ufanas,
Só o mistério da morte — a Eternidade.

Lá no recesso inquieto de nossa alma
Lobrigamos à luz serena e calma
Da verdade que clama alto e bom som,

O conceito imortal, quanto profundo,
De que não há maior consôlo nêste mundo,
Do que a suprema ventura de ser bom.

A BONDADE

Amigo! Não te esqueças que a bondade,
Casulo natural das almas belas,
Fulgura mais que tôdas as estrêlas
Que o firmamento encerra em claridade

É a doce emanação da alacridade
Destas manhãs serenas e singelas,
Dos pássaros canoros, das gazelas,
Do orvalho matutino a amenidade.

Das flôres casto aroma. É bem aquela
Delicada grandeza, que a revela
No amor e no perdão, o pranto a enxugar.

É a mãi que o filho embala, pequenino...
É, finalmente, o Cristo — o Rei Divino, —
À Cruz pregado para nos salvar.

SIMPLICIDADE

Gosto muito de tí, simplicidade,
Pelo que tens de humano e de divino.
Do teu brando regaço peregrino,
Estendem-se os caminhos da Verdade.

Irmã gêmia e fecunda da humildade,
Cuja posse nos traz perene ensino;
Teu convívio transforma o mau destino
Numa fonte de paz, serenidade.

Eu gosto, enfim, de tí, simplicidade,
Genial conquista do homem sábio e justo,
— Feliz roteiro da arte e da bondade.

Atributo de Deus — verás sem custo,
O artifício, quebrar-se, da maldade,
E ao domínio do Bem curvar-se o injusto.

Em Ritimos de "Bossa Nova"

No lago de cristal da meditação,
Os pensamentos adensam-se e as ideias
Tornam-se mais claras e mais precisas,
Penetrantes e harmoniosas.
Com a elegância das artes atenéias.
Refletem as imagens fugidias
Que permanecem fixas e concisas,
Profundas, obsidiantes, luminosas.
Cruzam-se estrêlas erradias
Em marcha solene e grave
E em cadência suave,
Na viva nitidez das suas esferas
Que alumiam os séculos, transpõem as eras,
Dilatam-se-lhe a concha do infinito,
A cúpula azul do céu profundo,
Brilhante, límpido e bonito
Que vivaz espelha-se no fundo
Da limpidez de cristal.
Onde mergulha a retina
Do olhar espiritual.
No silêncio e tranquilidade,
Na suave diafaneidade.
De sua transparência amável,
Onde o pensamento repousa,
Na sua forma imutável,
Sob a mobilidade das cousas,

Ou nos frisos ondulantes,
Inquietos e rabinos,
De ideias leves e volúveis
Dos pensamentos instáveis
Que brincam de meninos
Ociosos e vadios,
Num barco miniatura,'
De velas soltas aos ventos
Na superfície das águas,
Fantasias rolam aos centos

Quais se movem na aparência,
Esquecendo-lhe a essência
Da dialética vital
E em seus estéreis movimentos
Que se agitam sôbre as águas,
Já lhe embaciam o lago de cristal,
A roubar-lhe a lucidez dos pensamentos,
Porque é assim que a superficialidade
Empana o brilho da profundidade.

E ao transportar-lhe ao plano vegetal,
Contentam-se das flôres
No seu perfume ideal,
Sem lhe sondar as raízes,
As seivas que lhes dão côres,
Se são amargas ou felizes.
E despreocupadas e contentes
Não lhe buscam nas sementes
A origem vegetal.
Do fecundo nascimento,
Do seu belo crescimento,
Da florescência, afinal.
Mas, faz das flôres e fôlhas
De efêmera duração,
Uma coroa votiva
Que lhe enfeita o viver.
E que logo marcha e cai no chão
Num momento, para se ver,
Ao soprar da viração,

Flagrantes Sertanejos

MANHÃ DE INVERNO

A Nicodemos Araujo

Manhã de inverno. Há brumas no levante.
Tôda a terra polvilha-se de neve . . .
O sol discerra a pálpebra e de leve
Lança um beijo de luz vitalizante,

Ao viso da colina e à verdejante
Crina da flora e aos poucos circunscreve
Belo poema de luz que a espaço breve,
Da terra envolve-lhe a órbita pujante.

Das orvalhadas copas frondejantes,
Rouxinois e canários gorgeiam ternos
Seus lindos madrigais mais fascinantes.

Impregnam o ambiente e o ar que respiramos,
Os perfumes florais e os sons eternos,
Na bucólica paz que tantos amamos.

CREPÚSCULO INVERNAL

Ao Dr. Valdemar Alves Pereira

Do lusco-fusco, às horas vespertinas,
Do inverno na estação exuberante,
Envolve, ao pôr do sol, no mesmo instante,
Um tom violácio as matas e as campinas.

Abrem-se em flor as cândidas boninas...
Ruflam azas de pássaros, distante,
Entre a escura ramagem gotejante
Das árvores, dos campos às colinas.

Cantam grilos nos brejos, nos recantos...
Gota a gota as biqueiras choram prantos...
E além ressoam os búzios das canôas

Que os remadores tangem nas enchentes...
Soluça a água de tôdos os correntes.
Coaxam sapos em tôdas as lagoas.

O RIACHO

Desce a princípio a encosta de um outeiro
Onde tem a nascente pequenina,
Sob um docel de côr esmeraldina
De moutas, de mofundo e marmeleiro.

Passa, depois, em frente ao meu terreiro,
Um riacho de água fresca e cristalina
Que corta e cinge o vêrde da campina
De uma faixa de prata o inverno inteiro.

E no espêlho sonoro da corrente
Vêm refletir-se a mata viridente,
O sol, o ceu, as núvens, luar e estrêlas.

E ao perpassar os campos, amorosas
Flôres lhe atiram pétalas mimosas,
Apotéoticas, cândidas, singelas.

O RIO ACARAÚ

Ofídio, escama em prata, em leito fundo,
Gigantêsco, coleante e rumoroso,
É o nosso Rio Acaraú, que. caudaloso,
Desce, espumante, para o mar profundo.

Como a lira do Orfeu, no Novo Mundo,
Vai levando, na enchente, um bando airoso
De aves e ninhos, mofumbal cheiroso;
Ao som da correnteza, ao sol jocundo.

O dôrso escuro ou o verde da região,
Como uma faixa cinge-lhe, prateada,
Ao fulgor tropical do meu sertão.

No líquido estirão que vês rolando,
Uma fauna fantástica e dourada
De trêfegos peixinhos vai bailando.

NO CAMPO

No campo a Natureza é meiga e boa,
Tem segredos de amor e de beleza,
Que aos sentidos nos falam com lhaneza,
No silêncio sagrado que a povoa.

E' o trinado das aves que ressoa . . .
E' o balido da ovelha. A voz que reza
No aflar da briza. A víride planeza,
E o espêlho de cristal de uma lagoa.

Aquí aspira-se a paz tranquila e calma,
Nêste ambiente aromal a encher nossa alma
De um fluido distensivo e repousante.

Insinuam se, porém, por tôda a parte,
O réptil e o batráquio; assim destarte,
Nos vão pregando um susto a cada instante.

EVOCAÇÕES

Recordo-me daquelas manhãs belas,
De eflúvios campesinos madrigais,
Quando os solenes, verdes matagais,
Têm sugestões floridas de capelas.

Manhãs de inverno. As últimas estrêlas
Fogem do ceu, com as luzes matinais
Do sol, vimos subir entre espirais
Nívio vapor das cousas e aquarelas.

E as pedrarias soberbas de cristais
Tremeluziam das frondes orvalhadas,
Lá na Fazenda antiga de meus pais.

O rio, a fonte, o lago, a real fragrância
De sons e flôres . . . Quero-vos, passadas
Louras manhãs de sol da minha infância.

MATINAIS

Nas manhãs invernais, manhãs brumosas,
Dos poros seus transpira a Natureza
Gratos perfumes e a imortal beleza
No seu semblante em côres deliciosas.

Há no ar a suave emanação das rosas,
Dos lírios, dos jasmins e da pureza . . .
Vestem-lhes doce encanto, real surpreza,
Da mata as crespas frondes majestosas.

Delicada e gentil a alma das flôres
Em tudo paira. E os místicos amores
Cantam-lhe a fonte e os pássaros dolentes.

E as luxuriantes seivas vejetais,
Sob o frescor dos rócios matinais,
Têm carícias de sonhos inocentes.

VESPERAL

Sob um ceu azul translúcido, recente
Varrido pelos grandes temporais,
Cai a tarde. O sol declina. E, nos vitrais
Põe, da capela, o seu fulgor ardente.

E desce, pouco a pouco, no ocidente,
Como uma hóstia de luz, entre espirais
De insenso, nos sacrários eternais,
Até sumir-se do horizonte rente.

Verdes campos estendem-se a seus pés,
Viçosos matagais — belos paineis —
Com a soberba colina, o dôrso em flor.

E ao fundo, no languor da paisagem,
Desenha-se a cidade, a cuja aragem
Sobem hinos de fé, instrução e labor.

O MÊS DE MAIO

Chegaste ornado em rútilos primores,
Do poeta amigo e irmão que te revelas
No esplendor com que a Natureza velas
De frangrância e riqueza multicores.

Porque és votado à Mãi dos pecadores,
Amam-te adultos, crianças e donzelas...
Mês dos órgãos festivos das capelas,
Em que as campinas cobrem-se de flôres.

No humilde lar de cada camponês,
Um Altar se ergue ao culto de Maria,
Como um frêsco rosal, por tôdo o mês.

No qual, piedoso, tôda a noite enseja
O novenário, aos hinos de alegria
Que puros brotam da alma sertaneja.

A LAGOA

Ao Dr. Valdemar de S. Cordeiro

Em frente à casa antiga da Fazenda
Existe, onde eu nasci, velha lagoa,
Que lhe seca o verão. Quando há garoa,
Já o batráquio lhe sai de cada fenda.

Transformação, porém, dá-se, estupenda,
No inverno que a enche d'água e lhe povoa
Da esbelta jaçanã que a sobrevoa
Com o marreco e a gentil garça da lenda.

Emolduram-lhe da água o espêlho azul,
Levemente frizado à luz do dia
Pelo frêsco soprar do vento sul,

Juncos verdes, cheirosos pacovais.
Rentes, em tôrno, à superfície fria,
Vêm-se aquáticas flôres magistrais.

FINS D'ÁGUA

Fins d'água. No roçado amadurece
A seara que plantou o lavrador . . .
É o solo que regou com suor e amor
Que se lhe abre nos frutos que oferece.

Doura a espiga de milho ao sol que aquece,
E a vagem de feijão muda de côr.
O arroz cacheado aloura de esplendor;
Verde a mandiva ramalhuda cresce.

E o lavrador esquece prazenteiro,
Os seus rudes labores do ano inteiro,
O olhar pousando no ouro da colheita.

E a ceifar, a sua mão acarecia
Êsses frutos que é pão e doce alegria,
Confôrto ao lar, à prole e à espôsa eleita.

O LAVRADOR

A Manoel Messias Vasconcelos

O lavrador que ativo e persistente
Passara o inverno inteiro a trabalhar,
No tempo da colheita está contente
Porque a fartura fez-se-lhe anunciar.

Feijão e milho e macacheira quente,
Abundam na clareira do seu lar,
A melancia com a abóbora nutriente
Para os filhos e a espôsa alimentar.

Tem consciência tranquila, sobretudo,
Fiel à sua crença em Deus que lhe dá tudo,
— A saúde, a chuva e a terra de plantar.

Reina a paz e a alegria em seu rincão;
Acendem-se fogueiras a São João;
Vão às capelas em flor tôdos rezar.

AS ROCEIRAS

Com o sol a lhes dourar a face pura,
Nos seus fecundos beijos matinais,
As roceiras esbeltas e joviais
Vão, manhã cêdo, para a agricultura.

Amainando no campo a terra escura,
Ou desleitando as vacas nos currais,
Seus gestos nobres, simples, naturais,
São expontâneos e feitos de ternura.

Ageis, demonstram tal desenvoltura,
Nos seus misteres de predileção,
Que lhes dão um halo de grandeza pura.

Seus virginais afetos, castos são,
Que o adorável recato configura,
Nos costumes saudáveis do sertão.

NO SERTÃO E' ASSIM

Pelo amiudar dos galos no poleiro,
Levanta-se a matrona, tôdo o dia.
Acende a luz que a choça lhe alumia,
Após partir p'ra roça o companheiro.

Sai de mansinho, passo sorrateiro,
Porque qualquer rumor despertaria
Os filhos que ali dormem. Com alegria
Vai desleitar as cabras no chiqueiro.

Feito o mingáu do filho pequenino,
Leva-o, contente, para o seu menino,
Enquanto os outros vão para a cozinha

Tomar leite de cabra com café,
Sentados no pilão, outros em pé,
Com batata ou grolado de farinha.

NA ALDEIA

Quem no sertão distante vai parar,
Pequena aldeia verá, mestiça raça,
Em cujo largo tem de uma só praça
Mais frequentado ponto do lugar.

É o cacimbão que, alí, como em Sicar,
Oferece água franca a populaça
Que para lá se dirigindo em massa,
Conduz as bilhas para a transportar.

Em tal vai-vem, constantes e triviais,
Se dessedentam homens e animais,
Em confusão promíscua os dias inteiros.

Êste viver normal, só se lhe altera,
Se o Juvenal, — o filho da Quitera,
Que é valentão, lhe chega nos terreiros.

NA FAZENDA

I

A noite vem. À casa da Fazenda
Recolhem-se o patrão e os seus vaqueiros.
Abre-se ao lado a pequenina venda,
E as vacas mugem nos currais fronteiros.

A ovelha bala na visinha tenda,
Guardadas são as cabras nos chiqueiros.
Cessa a cabocla de fazer a renda,
E os galináceos sobem nos poleiros.

Relincham cavalares no cercado;
E os cães de caça ladram nos terreiros,
Enquanto lá no ceu galvanizado

O plenilúnio sobe pelo espaço . . .
A um pitoresco dito, os bons vaqueiros
Dão gargalhadas soltas no terraço.

II

Dois violeiros famosos no sertão
Chegam, violas às costas, em vistosas
Camisetas de chita, ao bolso rosas,
Com que fazem sucesso na região.

Ao pequeno boteco logo vão . . .
Repetem-se as "bicadas" generosas . . .
Nas costumeiras "pingas" saborosas,
Dizem beber a velha inspiração.

A visinhança tôda alí congrega,
Ansiosa por ouvir aquela "pega",
Num desafio que os dois irão travar.

Ou com vozes monótonas e em lances
De melifluos e trágicos romances,
Em patéticos tons vê los cantar.

III

A loura Estrêla — um brôto fascinânte,
Do Fazendeiro a filha idolatrada.
De sêda veste a indumentária arfante
Que a modista lhe fez tôda bordada.

Tráz um laço de fita cintilante
Na cabeleira farta e perfumada.
Olha tímida e inquieta a cada instante,
A curva, além, da conhecida estrada.

Indiferente a tudo, espera alguem
Que lhe disse voltar naquêle dia,
Da visinha Fazenda do Torém.

Enfim seu vulto assoma aos olhos dela
E diz, ao frear a guapa montaria:
– Boa noite, Coronel, princesa Estrêla!

RECORDANDO

Lembro-me bem do velho casarão
Onde eu nasci. Ficava no sopé
De ásperos blocos de granito. Até
Foram, se diz, outrora, habitação

De onças vadias, de tôrvo jacaré.
– Quando menino, sem hesitação,
Lesto galgara-os. Sôbre os quais, então,
Corri descalço sem ferir o pé.

Relembro tudo — a secular mangueira
Que lhe ensombrava o páteo; até a porteira
Que dava entrada para os seus currais.

Saudoso evoco aquêles tempos idos . . .
Revejo os velhos pais estremecidos
Que já não vivem, não existem mais.

VAMOS

Vamos querida! Apresta o mantimento
Que devemos levar a êste passeio . . .
Conduzam-se agasalhos que ao relento
Vamos passar um belo dia em cheio.

Os meninos, prepara-os para o tento.
Veste-os depois de lhes fazer o asseio.
Sigamos pela estrada a rodar lento
Que aos campos nos conduz em doce enleio.

Lá veremos savanas verdejantes,
Marchetadas de flôres trescalantes,
E o balouçar dos ramos pelo vento . . .

Seus pássaros melhor cantam que os poetas . . .
E a meninada apanha as borbuletas,
Correndo aos gritos de contentamento.

CONVERSA DE CALÇADA

Falando a alguém presente na calçada,
Certa senhora assume posição.
Outros alí têm vida esquadrinhada,
E já se volta p'ra cozinha, então:

- Comer feijão! diz à visinha, inflada,
É cousa que eu não faço! Em meu fogão,
Eu não sou rica, mas, por qualquer nada,
Jamais ferveu panela de feijão.

Só à minha mêsa vai café com pão,
Frutas e carne, arrôz e macarrão;
Peixe fritado é o prato preferido.

Enquanto, ao pé do fôgo, os filhos dela
Perguntam-lhe, no fim de tal balela:
— Mãi, será que o feijão já está cozido?

A Xandoca e o Flávio

I

ARECUSA DA XANDOCA

Pela Xandoca bonita
Anda o Flávio apaixonado.
Porém, diz ela, catita:
— Eu lá te quero a meu lado!

Êle insiste e diz a amada:
Que já tem uma casinha,
Vaca de leite e coalhada,
Milho, feijão e farinha.

Tem galinhas no terreiro,
Pato, capote e perú;
Muita cabra no chiqueiro,
Porco e ovelha p'ra xuxú.

Tem bom cavalo arreado,
P'ra seus passeios com ela;
Três cem passos de roçado,
Prato, colher e panela.

Não me caso, diz-lhe, só
Com os teus haveres. Convém
Que eu fique no "caritó",
A casar sem querer bem.

Linda e orgulhosa Xandoca,
Teu desengano é fatal.
Não fico nesta "biboca",
Vou-me embora, diz-lhe o tal.

Venderei tudo o que eu tenho,
Partirei rumo ao distante.
Será tôdo o meu empenho
Esquecer-me dêste instante.

Quem sabe, talvez, um dia,
Sentirás de mim saudade.
E arrependida e vazia,
Chorarás minha amizade.

Quando aquí já não estarei
P'ra consolar-te, querida,
Saberás quanto eu penei
Longe de tí, minha vida!

Que não te lembres, embora,
Dêste modesto roceiro,
Não sofrerei, como agora,
O teu sorriso brejeiro.

Vendo outras terras, talvez,
Outros sertões, outro povo.
Hei de esquecer-me, de vez,
O teu desdem sempre novo.

Seguirei, tal como um párea,
Deixando atrás meu sertão,
Meu sonho e esperança vária,
Aos confins do Maranhão.

Adeus! Xandoca querida,
Meu sertão que tanto amei,
Meus pais e irmãos, minha vida,
Meus amigos. Que direi?

Por tudo quanto sofri,
Pela tua ingratidão,
Não levo mágoa de ti,
Confesso de coração.

Sòmente, espero, — o futuro
Te dirá que foste ingrata.
Que sincero amor tão puro
De um coração não se mata.

II

NA AUSÊNCIA DO FLAVIO

Já se passaram dez anos
Que o moço Flávio partira.
Nem mesmo aos pais e aos seus manos,
O seu endereço emitira.

Dos velhos pais pesarosos,
Os tristes olhos sem brilho,
Jorravam prantos copiosos,
Sem ter notícias do filho.

A receiarem-lhe os perigos,
Pelo jóvem, com aflição,
Indagavam dos amigos
Que vinham do Maranhão.

Ninguem, no entanto, lhe vira,
Ou dêle dava notícias.
A dor que a ausência inflingira,
Mais lhe aumentava em sevícias.

Enquanto assim se passava
Na casa dos velhos pais
Do pobre Flávio, zombava
A Xandoca dos seus ais.

Os tempos foram passando,
Passando, celeramente,
Até que um dia, acordando
Os velhos pais, de repente,

O Corrêio lhes trouxera
Uma carta do seu filho.
Na qual alegre assevera
Que seguira belo trilho.

Sofrera muito a princípio,
Tudo o que tinha perdera.
Mas, Deus lhe vendo o suplício,
Mui bondoso o protegera.

E atribuindo lhes à prece,
Numa expressão muito cara,
Aos velhos pais agradece
As vitórias que alcançara.

No seu começo vagara
Por aldeia, vila e sertão.
Até que enfim aportara
Em São Luiz do Maranhão.

"Nesta Atenas Brasileira",
Diz-lhes, "fui feliz, com efeito,
Fiz no comércio carreira,
E estou cursando Direito".

Perguntou pelos de casa,
Por seus amigos bondosos.
Se os peixes da Lagoa Rasa
Ainda estão muito gostosos.

Pelo bichano manhoso,
No seu rem-rem permanente;
Pelo cachorro raposo;
Se vive o touro "Crescente".

Desce a minúncia e detalhes
Das cousas que tanto amara.
Até mesmo sôbre os talhos
Das palmeiras que plantara.

Perguntou pela Xandoca,
Se permanecia orgulhosa.
Se já casara a Mundoca
Com o Chicute da Barrosa.

Finalmente diz aos pais
Que está noivo com uma "rosa"
De nome, Eutália Novais,
Moça educada e formosa.

Só depois do casamento,
Virá trazê-la a passeio.
Que a aguardar êste momento,
De nada tenham receio.

Enfim as bênçãos lhes pede.
E a usuais recomendações,
Dos velhos pais se despede
Com beijo, abraço e emoções.

Voltara a alegria, afinal,
Àquela casa modesta,
Propalou-se em tôdo o Arraial
Que lhe fez brilhante festa.

.....

A Xandoca, pouco a pouco,
Já se foi desiludindo,
Daquêle orgulho tão louco,
Percebera-lhe o êrro infindo.

E ao cabo de certos anos,
Esquecida dos seus fãs,
Só lhe restam desenganos
A torturar-lhe as manhãs.

Quando soube da alegria
Que aos pais de Flávio coubera,
Das festas que os promovia
A visinhança, dissera:

"Quem sabe se apaixonado
Ainda o Flávio (quem me dera!)
Voltando agora formado,
Casar-se comigo espera?" ...

Inteirada da verdade
Do casamento de Flávio,
Desfez se-lhe tal vaidade,
Diz, chorando, ao velho Otávio.

No coração já lhe sente
Um desespero sem geito,
A germinar-lhe a semente
De mágoa, dor e despeito.

III

NA VOLTA DE FLAVIO

Formou-se o Flávio em Direito,
Como advogado. Afinal
Gozava raro conceito
No Forum da Capital.

Depois do que se casara
Com a linda jóvem Novais.
Já alegre se preparava
A visitar os seus pais.

Por telegrama avisara
A data de sua chegada.
E de antemão lhe mandara
Esta bizarra embaixada:

"Dois bons cavalos arreados
Para os passêios de campo,
Guardai-nos bem, nos cercados,
Se vivos ainda: o gaio e o pampo."

Seu Joaquim e Dona Amada,
(Eram-lhe os nomes dos pais)
Recebem à hora esperada,
Flávio e Eutália Novais.

Vieram abraços e prantos,
Exclamações de alegria.
A abraçá-lo, amigos quantos,
Tôdo o mundo lhe queria.

No dia seguinte a certa hora,
Fôra a Xandoca rever . . .
E ao vê-lo em casa, onde outrora
Fizera-o tanto sofrer,

Diz ela: "Ó, Deus, que fazer?!
— Afrontar, (mas, que vergonha!)
O olhar de Flávio e lhe ver
A bela esposa risonha!"

Xandoca, adeus, como vais?!
Há muito tempo não a via! . . .
Como vão teus velhos pais?
— Disse o Flávio, com alegria.

E Dona Rita Sofia? . . .
(Êra esta cabocla velha
Que morava em companhia
De Xandoca do Gadelha).

Tal era o nome de herança
Da própria genealogia,
Que antes gozara a abastança
E hoje a pobreza sofria.

Apresento-a, com prazer,
A minha esposa adorada,
Pois deseja conhecer
A tôdos da terra amada.

Tem o Flávio, agora, a mão,
De tão sedosa e macia,
Como a pluma de algodão
Sem caroço que ela fia.

Tem nobreza a sua linguagem
Que lhe encanta e lhe fascina.
Relembra, quanta passagem,
Do seu tempo de menina.

Com Flávio encontra-se um dia,
Sòsinho, e pede perdão.
E o seu rosário desfia
Dos prantos do coração.

Flávio, um pouco atrapalhado,
Lhe consola e diz sincero
Não lhe ter na alma guardado
Nenhum rancor brando ou fero.

"A perdoar, nada te tenho",
Diz por fim, "É bom que o diga:
Desejo com muito empenho
Ter-te sempre como amiga".

Depois, sòsinha: — "Meu Deus,
Não sei se bem, ou por mal,
O orgulho foi sob os ceus,
O meu inimigo mortal.

"Que ao menos sirva a lição,
Aos corações orgulhosos
Que não respeitam no irmão,
Seus afetos generosos.

"E a zombar-lhe de afeições
Nobres e leais, de verdade,
Desprezam-lhe, e os corações
Maltrata-os sem caridade.

"Que nêste vício sandeu
Têm tôdos os males raiz,
Dêsde a queda de Lusbel.
— Ó, sentimento infeliz!

"Foi no orgulho fementido
Que os nossos primeiros pais,
Com o seu Paraizo perdido,
Tiverão penas fatais.

"O orgulho infame castiga
A pessoa que em casa o acolhe.
Quem melhor lhe for amiga,
Sua vítima logo a escolhe.

"Quem já fui outrora! (diz,
Voz sumida pelos prantos)
Fui jóvem, bela e feliz
E muito amada (de quantos!)

"Hoje sinto-me esquecida,
Da risonha mocidade
Que me foge e, já perdida,
Leva-me à atróz soledade.

O meu castigo terrível,
Hoje, ó Deus, experimento.
Não pensara fosse crível,
Viesse a sofrer tal tormento.

"Se me sinto, hoje, infeliz,
Ao meu orgulho só devo.
É tão imenso e triste, diz,
O pesar que na alma levo! . . .

"A ninguem na vida acuso
Das minhas dores. Apenas
Confesso-me e não me escuso
Da culpa das minhas penas.

"Guarda, minha alma, contigo,
A lição dura e exemplar.
Salva-te de outro castigo
Que poderá Deus t'o dar.

"Serve-O com amor e pureza,
Com virtudes singulares.
Evita tôda a baixeza,
Vive o esplendor dos Altares.

"Obterás, assim, por certo,
A recompensa bendita;
Perdão do teu desacerto,
De Deus, – bondade infinita.

"E pela sublimação
Dos teus nobres sentimentos,
Farás o meu coração
Liberto dos sofrimentos.

"E no fim desta jornada
De veras lutas e dores,
Terás, feliz, tua morada,
Junto a Deus, entre esplendores."

.....

Xandoca, enfim, se tornou
Santa, humilde e caridosa.
E a vida se lhe mudou
Num sonho bom côr de rosa.

Xandoca e Flávio Pereira,
Hoje, da alma em seus matizes,
Ambos crêm, à sua maneira,
Que são bastante felizes.

RITMOS DE SONHOS

O SONHADOR

Ao Dr. Carlile Martins

Grato serei eternamente a Deus
Que me fizera eterno sonhador.
As minhas mãos erguendo para os ceus,
Meu coração se eleva todo em flor.

Não se arreceia, minha alma, de escarceus,
Da rude tempestade, em seu furor.
No barquinho feliz dos sonhos meus,
Dorme o próprio Jesus Nosso Senhor.

Quando o sorriso alvar da indiferença
Do mundo ingrato e pérfido e vaidoso
Lança-me na alma o gêlo da descrença,

Recolho-me de espírito risonho
Ao cálido aconchego generoso
Do palácio encantado do meu sonho.

NA CELA DE UM POETA

Hora da sesta. O artista, com emoção,
Pensa e medita um poema resplendente . . .
Aqui lhe afaga a ideia no coração,
Lá fora sopra um vento agreste e quente.

Fôlhas sêcas se arrastam pelo chão,
Num frouxo trepidar intermitente . . .
Ouvem-se caídas de um caramanchão,
Notas soltas de um pássaro indolente.

Vêm elas, vez em quando, a solidão
Quebrar, desta hora langue de verão,
E o silêncio profundo e entorpecente

Que envolve a cela cálida do poeta,
Cuja alma nobre tem, assim repleta,
De um tesouro de sonhos, florescente.

SONHO ARTÍSTICO

Feito de luz, de arminhos e de rosas.
Dentro em meu peito um sonho refloresce
Como brotos em maio e ao lábio a prece,
Como o sol nasce nas manhãs radiosas.

Tem candentes visões de amor, formosas,
Numa excelsa paisagem que oferece
Sublimes concepções, onde se esquece
A própria desventura, deliciosas.

Escuto na alma eternas sinfonias
Que lhe embalam no seio, e as melodias
De um soberbo coral encantador...

Na loura Catedral dos sonhos meus
Habitam, a sorrir, o próprio Deus,
A Arte, a Beleza, a Perfeição e o Amor.

A INSPIRAÇÃO

É um delicioso sonho de harmonia
Que eu sinto palpitar no coração.
São ressonâncias doces de emoção
Feliz, em que minha alma se inebria.

Indizíveis são as horas de alegria,
De prazer, de perfume e de oração
Que me inundam de páz, consolação,
Nesta mansão serena da Poesia.

O mais lindo viveiro de ternura,
De sorrisos, de sonhos, de bondade
E de encanto que enleva e transfigura,

É o seu mundo interior, quando a divina
Musa da inspiração já lhe pervade,
Nas águas da Castália cristalina.

DAS IDEIAS

A imagem são das cousas, seu matís,
Dêsde a essência do ser aos acidentes.
Seus múltiplos detalhes mais sutís
Destacam-se nas luzes convergentes

Da Lógica que ordena os seus perfís,
Seus nítidos contornos evidentes.
Ora assumem as graças feminís,
Ora atitudes másculas e ardentes.

Das harmonias das luzes das ideias,
No bailado das formas, em cadeias,
Projetam-se os borrifos, que, risonhos,

Irisações refletem, surpreendentes,
De emoções e de encantos absorventes,
Nas migrações estéticas dos sonhos.

REVELAÇÃO

Eu ainda era bem pequeno. Certo dia,
Posto à varanda da casa de meus pais
Que ficava no campo e se escondia
Lá por detrâz de espêssos matagais.

Na flor, no ceu, nos lagos de cristais,
Pude entrever um mundo de harmonia,
As auroras e ao pôr do sol triunfais,
Numa ingênua intuição casta e macia.

Deslumbrado infantil de um sonho lindo,
Ó, bom Deus, exclamei, num gôzo infindo,
Que revelais sutis belezas vivas! . . .

E o símbolo de um poeta pensativo
Que eu vira, onde não sei, surge, instintivo,
Na glória das paisagens emotivas.

DOCE SONHO

Doce sonho, que és luz, réstea dos ceus,
Inspiração das almas delicadas,
Tens os soberbos tons das alvoradas
E o resplendor da fé dos Reis Caldeus.

És flor celeste, és místicos trofeus,
Que nos trazem visões ensolaradas,
Nas pompas das ideias sublimadas,
Por teus encantos vislumbramos Deus.

No teu seio fecundante o amor que vela
E a Natureza carinhosa e bela,
Revelam-nos segredos divinais.

Que aureolam de ternura os corações,
Nos transportes de infindas emoções
Deliciosas, febris e angelicais.

ESSÊNCIA DAS DISTÂNCIAS

Sob o místico encanto das distâncias,
É tudo aroma e transfigurações.
Fluido sutil de tôdas as fragrâncias
De um capitoso vinho de emoções.

Quão sublimes, magníficas unções
Percorrem-lhe as cândidas estâncias.
Sua tecitura é feita de ilusões,
Da suavidade eterna das infâncias.

As visões de ternura e de esperança
Que nos falam de amor e de bonança,
Na transparência das recordações,

Têm algo de divino e salutar
Que nos consola e faz-nos suspirar
Ante o almejado sonho os corações.

DELÍCIA E CASTIGO

Sinto um sabor ideal, puro e excelente,
Na solidão que eu adoro e no recato
Da obscuridade de um viver pacato,
Ao qual me identifico humilde e crente.

Julgado sou, porém, tão deprimente,
Tal como um ser inútil, ser de fato,
Que se arrasta no chão do anonimato,
Pela própria razão crida prudente.

Ó suave e obscura paz, viver contigo,
Eis a minha delícia e o meu castigo,
Meu prazer e amargura mui frequente.

Porque em meu ser retratas, sem heroísmo
Com a desprezível máscara do egoísmo,
Tua vera face oculta e diferente?! . . .

A UM POETA

Sonhai! Sonhai! Meu irmão. É bom sonhar . .
Sonhar com as belas cousas que se quer.
As cousas que se fazem surpreender
Com um sorriso de Deus para se amar.

Se vos move a vontade de cantar
Estas cousas. Cantai com tal prazer
Que a própria dor façais se converter
Em feliz cornucópia a transbordar.

À insípida rotina e aos desencantos
Intercalai o sabor dos vossos cantos,
Nas renovadas melodias dos sonhos.

Porque quem sonha, vive um grande amor
Que a plenitude encontra no esplendor
Da delicia imortal dos ceus risonhos.

OUVINDO MÚSICA

Abro o rádio. Marca a hora sonolenta
Da sésta e do repouso do meio dia.
Ouço uma onda serena de harmonia
Que irrompe do aparêlho, doce e lenta.

O ar em tôrno de mim vibra e se alenta
E o espirito comove e delicia,
No encanto indefinivel que irradia,
De um mágico de sons que terno aumenta.

Do trabalho às fadigas e aos cansaços,
Sucede a sensação de um bem-estar
Que o sangue me percorre e os nervos lassos.

Eufórico de sonho e fantasia,
Eu sinto na minha alma despertar
Uma fonte de paz e de energia.

OLHANDO O MAR

Olhando o mar de vaga encapelada
Que se lhe arqueia, a rugir, ao dôrso imenso,
E o lépido avançar da carneirada
De espumas brancas, num lençol extenso.

Vejo, além, de um barquinho, a vela içada,
Jogada da procela ao sopro intenso . . .
Lembro, — a vida é êste barco na jornada;
E a espuma — as fantasias. Eu vejo e penso . . .

Depois se fez bonança. O mar que fruia
Serena e doce calma, enternecido,
As praias vinha beijar com devoção.

E a imensidão do mar se parecia
Com a imensidão do sonho adormecido
Que dentro tenho do meu coração.

CONTEMPLANDO A NATUREZA

Das flôres, respireis, com longos háustos,
Os seus sutis perfumes inebriantes
Que refluem das corolas rutilantes,
Que a Natureza imprime encantos fáustos.

Se ao coração sentis sonhos exáustos,
Nos combates da vida, lacerantes,
Olhai para estas cenas cativantes,
Eliminando da alma os tons infáustos.

E alegre cantareis um hino augusto,
Feito de fé, de amor e de esperança,
Ás belezas sem par e de alto custo

Que a Natureza exibe ao ser humano,
Para deleite seu, e, com tal bonança
De perenal louvor ao Soberano.

EXPANDE-TE

Expande-te, minha alma, em ternura e efusão
De amor e de esperança e em sonhos de venturas.
A poeira, enfim, sacode ao rude furacão
Que à vida te arremessa em lufadas escuras.

Contempla a Natureza e sente com emoção
As belezas sublimes, lépidas e puras,
Que encerra o firmamento, em núvens de algodão
Que pelos ceus se libram, e em garoas escuras.

Vê a terra verdejante e o campo matizado
De flôres a odorar as brizas do caminho,
E a mata onde fervilham pássaros canoros!

Admira êste esplendor. Faze mais adorado
Aquêle que com amor o criou e com carinho,
E abrir-se-te-á o teu mundo em consertos sonoros.

SONHOS

A José Maria Sales

Soam-me no peito a música do vento
E o marulhar constante de um regato.
O canto escuto em prolongado acento,
Da estridente cigarra lá do mato.

Ternos gorgeios de pássaros, atento
No esplendor hibernal do campo grato.
Fulgura a luz do sol entre o sarmento
De velhas frondes de virente ornato.

Há rumores de insetos rechinantes . . .
O bater suave de azas palpitantes
E a trepadeira em flor que a tudo enlaça.

Há vastas sombras frescas, veludosas,
Que os sonhos meus acolhem generosas,
— Doces eflúvios de ternura e graça.

ANALOGIA

Ao Dr. Ésio Rios Louzada

Sôbre aquela imponente e longa serrania
Azul, que a nossa vista alcança, resplendente,
Com tremendo furor se abate a ventania,
Tentando em vão romper o dorso consistente.

É bela e majestosa a luta todo o dia
Ali travada. A serra imóvel, resistente,
A tempesdade vence, enfim, com galhardia,
Fazendo restrugir um hino, triunfalmente.

Também ao nosso coração, exatamente,
Sucede igual peleja, se ousa, heròicamente,
Subir um pouco além da craveira vulgar.

Mas, sofre, ama e confia a trabalhar pelo Bem,
A afrontar as procelas do ódio e do desdém,
Como aquela montanha, os ceus sempre a fitar.

NOTURNO

Era noite sem luar e sem estrêla . . .
Chorava prolongado o vento norte,
Frio, tão frio, como a negra mão da morte,
Que ao perpassar à nossa fronte gela.

Que sombria noite de tristeza, aquela . . .
— No silêncio das cousas e no porte
Imóvel das mangueiras, de tal sorte,
Que há sustos e há pavor no bojo dela.

É a renda dos fantasmas e das sombras
Que surgem quando a Natureza dorme,
Do arvorêdo, das grutas, das alfombras.

Um sinistro vozear perdido e vário,
Mistura-se ao perfil soturno e informe,
Do conjunto, das casas, solitário.

EXORTAÇÃO

Soluça, coração, quanto quiseres,
No silêncio do peito torturado.
Jamais darás ao mundo desalmado
A conhecer a mágoa que sofreres.

A ocultar a tua dor, quando poderes,
A cada passo canta um sonho amado.
Da treva arranca um ceu tôdo estrelado,
Põe mil flores nos rastros que fizeres.

Escreve com o teu pranto amargurado,
Um poema de ventura e de alegria
Às belezas da vida consagrada.

E, a exortação, ouvindo, que te fiz,
Darás ao mundo um sonho de harmonia,
E a ti mesmo a ilusão de que és feliz.

PLANTA SEM SEIVA

Já não me ofertam seiva, estas areias,
Onde as raizes, conservo-as mergulhadas.
Taboleiro, sem cór, lhes encadeias,
Sob a tua argila estéril, sufocadas.

Eu sou daquelas plantas enfezadas
Que nascem, mas não medram, sempre feias....
Já tenho as clorofilas descoradas,
Pois se anemiza o sangue em minhas veias.

Que mão de amigo me transplantará
Para outros sítios bons onde haverá
Férteis terrenos, humus protetores!?

Se a não encontrar, assim, provàvelmente,
Terei que definhar, constantemente,
Sem meus ramos jamais brotar em flôres.

RETROSPECÇÃO

Nunca fui um elemento saudosista,
Pois sempre tiver horror voltar àtráz.
Só, à frente, caminhava moço e audaz,
Numa ânsia insatisfeita de conquista.

O futuro! . . . O futuro sempre à vista,
Dava-se fôrça e alento, quanto mais
Magoava-me o presente, e, contumaz
Detestava o passado, pessimista.

Hoje, que a saúde e os anos me envelhecem
E as côres do futuro empalidecem,
É forçoso, afinal, retroceder.

E o olhar, volvendo àtráz, surprezo sinto,
À vista do passado, se não minto,
Que fui feliz, outrora, sem saber.

O SOL

Ó sol, bonito sol, se nos aquecem
Teus belos raios fecundos, penetrantes,
De luz e de calor que só arrefecem,
Para de novo arderem fulgurantes.

Os enfermos e os pobres não te esquecem,
Nas vigílias noturnas e cruciantes.
E os felizes de tí também carecem,
Para viver seus sonhos deslumbrantes.

Qual, das almas imersas, torturadas,
Na solidão, não vibra com a paisagem
Do despontar das lindas madrugadas?!

Deus, no espaço, ascendeu-te, astro galã
Da esperança, da gloria e da coragem,
Qual no regaço da alma a Fé cristã.

GEMA GALGANI

Três mêses de existência hoje perfaz
Que vieste enriquecer o nosso lar,
Com o teu sorriso insonto a abençoar
Á modesta morada de teus pais.

Tal como um raio, chegaste, salutar,
De pura luz, ventura, amor e paz,
Que ao bom Jesus, das plagas siderais,
Aprouve a nossa união recompensar.

As gracinhas singelas que ela faz,
Tão frágil, pequenina, mais e mais,
Suavemente acentuam-lhe os esplendores.

Que as bênçãos do Senhor chovam copiosas
Sôbre a nossa filhinha, e, generosas,
Transbordem-lhe a existência de mil flôres.

BELA CRUZ

Ó minha Bela Cruz, terra querida
Do berço de meus pais, meu próprio berço,
Onde a primeira luz sorví da vida
E rabiscara o meu primeiro verso.

Desta existência a quadra mais florida
Passei-a no teu regaço, em sonho imerso.
Sentir podera de alma enternecida,
Que encerras para mim tôdo o universo.

Pois, maternal, lhes guardas no seio teu,
Meus avós e meus pais e um filho meu
E os amigos que a morte arrebatou.

Fiel à Cruz que lhe deu seu nome, crente,
Seu povo cresça forte e inteligente,
No amor à Pâtria e a Deus que l'ha forjou.

CIDADE DE ACARAÚ

À memória do Pe. Antônio Tomaz

Inundada de luz e de harmonias,
Com os seus modos gentis e hospitaleiros,
Sorridente e feliz, tôdos os dias,
Propina os seus encantos feiticeiros.

Ninguem resiste às claras melodias
Do cântico das graúnas nos coqueiros.
Do velho mar, bem perto, às sinfonias
Embalam-se os intrépidos veleiros.

É a apoteose de um sonho doce e terno
Que enleva o coração da Natureza
Na mais suave expansão de amor eterno . . .

Povoam-lhe, ainda, límpidas sequências,
Dos versos musicais de real beleza
Do cantor imortal das "CONFIDÊNCIAS".

FORTALÊZA

Fortaleza gentil e hospitaleira,
Sinto imenso prazer se te visito.
Apraz-me ouvir-te aquela barulheira
Que nasce de um progresso tão bonito.

Agrada-me a visão bela e altaneira
Que descortino quando em ti transito,
Dos teus arranha-ceus a alta viseira
Que à paisagem projetas do infinito.

Se a circular, me ponho, nas tuas veias,
Nêste ritmo de vida que pompeias,
Dinamiza-se a fôrça em mim latente.

"Desposada do sol", - "Cidade Luz",
Tu tens um doce encanto que seduz
E que cativa o coração da gente.

MEU CEARA'

Meu querido Ceará — Terra da Luz,
Repleta de contrastes naturais.
Se, ora, a sêca impiedosa lhe reduz
A uma vasta queimada os vejetais.

Ora, invernos imensos, colossais,
Arrastam-lhes nas águas e nos pauis,
Vilas, cidades, plantações. Quão mais
Devastado e infeliz, mais nos seduz.

Meu glorioso rincão – berço de encantos,
De másculos heróis, sábios e santos,
De escritores e poetas mais serenos.

De Tibúrcio, de Clóvis, Farias Brito,
De José de Alencar, Dom Expedito,
Padre Antônio Tomaz e dos Galenos.

PA'TRIA BRASILEIRA

Ao Ten. Manoel Galdino da Silva

Do teu solo e conquistas, dos teus mares,
Ciclópico Brasil que eu tanto quero,
Da raça dos Gonçalves, Castro, espero
Surjam-te novos poetas exemplares,

Que as grandezas, te cantem, singulares,
Com o vigor imortal do gênio austero
De um Victor, de um Camões, Vergilio ou Homero,
E os teus grandiosos feitos militares.

Das liberdades defensor na liça
Das púgnas do Direito e da Justiça,
Em Haia, Cabrito, Avai e Monte Castelo.

Lá o valor, se revelou, de tua gente,
Que, brava, forte, culta e inteligente,
Te conduz a um destino heróico e belo.

DEUS

Criou-me, Deus, e o planeta que ora habito,
A luz que me ilumina, o sol que aquece;
Êste ar que aspiro, o pão que me oferece
O solo de onde vim, no qual me agito.

Fez a cândida neve que esmorece
A verdura dos Montês. Sê bendito,
Nas verdades, em tôrno às quais gravito,
Com os homens tôdos, numa ardente prece.

Deus que do nada tudo fez brotar,
É esta Essência do Bem que devo amar,
Com o amor que a tudo anima e regenera.

Ao Senhor Infinito da Criação,
Guardo em minha alma a eterna gratidão
Da mais florida e casta primavera.

HARPA EÓLIA

A VOZ DO VENTO

O vento sopra. À minha secretária
Sentado a redigir correspondência,
Ouço-o gemer, lá fora, em reticência,
Os segredos de sua alma estradivária.

Ouvindo, pouco a pouco, o som desta ária,
Cuja toada murmura com insistência,
Em magoadas carícias, com veemência,
Ao meu tímpano e à fronte solitária.

Quedo e mudo a seguir-lhe a voz sentida,
Suspendi, por instantes, minha lida,
Tentando interpretar-lhe o som discreto . . .

E, sem saber porque, também chorei
Dentro em meu peito e ao mesmo tom cantei
Nas cordas da harpa dêste meu soneto.

O VENTO

Na folhagem do "ficus-beijamim"
Soluça e chora o vento tôdo o dia,
Como quem sofre a amarga nostalgia
De um grande amor perdido em seu jardim.

E aos mundos a correr se atira, enfim,
Nesta angústia profunda que o escrucia,
Tal como na oriental lenda judia,
O Ashaverus sofreu castigo assim.

Naquela dor sem nome a tudo abraça,
Dizendo ao mundo inteiro e por quem passa,
A amargura, sem fim, do seu fadário.

E, comovam-se, embora, os elementos,
Prossegue a repetir os seus tormentos,
E a seguir sem parar, o itinerário.

OUVE!

Ouve! Os ventos que passam soluçando
Nos campos, nas estradas e avenidas,
Erguem ondas de poeira, profanando
O azul dos ceus, em queixas doloridas.

Ao mundo indiferente, a voz alçando,
De quantas tredas mágoas ressentidas,
Parecem-se ao meu peito lamentando
Os brandos sonhos de ilusões perdidas.

Também soluçam dentro de minha alma
Em dolorosa e triste litania
Que me rouba o sossêgo e tira a calma,

Da incompreenção os ventos tormentosos,
A saturar com a poeira escura e fria
Da minha vida os claros ceus formosos.

MELANCOLIA EÓLIA

I

Melancólico sopra o vento leste,
Ora mais brando sopra, ora mais forte,
De uma nênia de dor, de amarga sorte,
É a funda entonação que lhe reveste.

De sob o firmamento azul-celeste,
Os ramos a agitar num fresco esporte,
Da árvore pequenina à de alto porte,
Aos orvançais rasteiros do Nordeste.

Deixa em tudo um soluço resignado
De fundos desalentos impregnado
No oxigênio dos ares que aspiramos.

Dir-lhe-ia até se julgasse nos convinha:
— Tens, ó Euro, uma tristeza igual a minha,
Pois idêntica é a dor que nós choramos.

II

Indiferente aos prantos e à alegria
Do humano ser que habita a terra ingrata,
Seus pressagos lamentos, tôdo o dia,
Repete-os sem cessar e psicopata.

Da cabana do pobre ou da enxovia,
Ao solar majestoso do magnata,
Se esbate desolado, e, em cada via
Lanças jatos de poeira, ao sol de prata.

Na sua sentida voz, onde se encerra
Os revezes fatais da humanidade
Através das idades sôbre a terra,

Reconta o drama trágico dos povos,
No campo, na montanha e na cidade,
A que se vem juntar capítulos novos.

A BRIZA MATUTINA

A imensa e frêsca briza matutina
Que sopra das campinas verdejantes,
Tem uns sutís aromas inebriantes,
De orvalho, seiva, flôres e bonina.

Tem carícias e afagos de menina,
Quando se abre em sorrisos fascinantes,
Entre as verdes folhagem tremulantes,
Dêsde a árvore imponente à mais franzina.

Num frêmito de gôzo, envolve casta,
Seres e cousas, na planície vasta,
De contagiante sensação mais pura.

Ó briza matinal que o mundo encanta,
Só tu és a imagem viva da ternura,
Como a vida da Graça na alma santa.

NO ANO JUBILAR

Ao Revmo. Pe. Odécio Loiola Sampaio

I

Vinte e cinco anos de labor fecundo
Na Vinha Santa do Senhor Jesus...
Quem só no tempo fez semear a luz,
Justo é seus frutos recolher jocundo.

Paróquia inteira em festa se conduz,
Num só desejo universal, profundo,
De homenagear sincera a "luz do mundo",
Na gratidão que a invade e lhe seduz.

Ó Padre Odécio, o teu rebanho amigo,
Se felicita em partilhar contigo
Nesta colheita de tão bela messe.

Pastor querido, sob o teu cajado
Quer viver sempre o teu rebanho amado,
E a Deus implora-o numa ardente prece.

II

Fizeste os teus talentos render mais
Talentos duplos para o teu Senhor.
Atenta bem na vóz do Salvador,
Nos gestos seus de aprovação cordiais,

Tal como Paulo – o Apóstolo vivaz,
Nesta hora augusta e bela de esplendor,
Que de harmonias e graças deu-te o Amor,
Cantar podias em termos paternais.

Prenúncio certo e universal da glória
Que o Bom Pastor no Ceu te preparou,
São sorridente e pálida memória

As provas que de afeto e simpatias
Esta Paróquia inteira tributou
E as recebeste nêstes grandes dias.

III

A doutrinar no amor e na verdade,
A tôdos muitas bênçãos propagaste.
Nos campos mais longínquos, na cidade,
O humano coração divinizaste.

Com os fecundantes grãos da santidade,
Da fé e da paz isentos de contraste,
Semeaste os campos da divina herdade,
Recuperando o solo em seu desgaste.

Nunca a terreno sáfaro e baldio
Lançaste em vão sementes da Verdade.
Mas, se por vez lhes murcha um sol de estio,

É por lhes dar mais fôrça e mais vigor,
Quando da Graça o inverno e da bondade
Lhes faz brotar na primavera em flor.

IV

Aloura a messe. Colhe o que plantaste:
– Amor e aplausos, gratas emoções
De estrepitosas palmas e ovações,
E, num chuveiro, as flôres que regaste.

De quantas almas boas alimentaste
Com o pão da Vida, e dêstes corações
Á luz do Verbo das Consolações,
Recebe as bênçãos de onde acumulaste.

Festivos templos, praças apinhadas
De gente alegre e peito comovido
Sob o estridor de músicas sagradas.

Dos fieis as preces colhes da piedade,
Às quais inspira-os teu viver tecido
De lutas, de renúncia e de bondade.

V

Aos inefáveis gozos da vitória
Dos justos, tens humilde e recatada
A alma inteirinha para Deus voltada,
Não lhe orgulhando o clarinar da glória.

Tão retilínea e longa trajetória
T'o consolida na modéstia amada.
Conheces bem as depressões da estrada
Que se delineam através da história.

Quanta luz e perdão, quanta alegria
Aos corações dos homens tôdo o dia
Da tua missão sacerdotal lhes vêm.

Tal se lhes verte santas convicções,
Da Fé o milagre em gratos corações,
Transfigurando-os para o Sumo Bem.

VI

Seus cinco lustros de existência plena
Também completa esta Paróquia. Assaz
Feliz rebanho conduziste-o à amena
Pastagem frêsca do Evangelho. E mais.

Quando o teu santo ministério acena
A estas riquezas belas doutrinais,
De tais estâncias sob a luz serena,
Condú-lo aos seus destinos imortais.

Dos teus afãs primícia é êste rebanho
Que por teu zêlo para Deus foi ganho,
Num dom crescendo de justiça e graça.

Não lhe esqueceste as cousas temporais,
Dí-lo a impressão de surtos imortais,
Mormente ao campo da instrução da raça.

VII

Aquí com amor e afeto te abalanças,
Os passos a seguir do Redentor.
E a propiciar divinas esperanças
Ao teu rebanho, a apascentar com ardor.

Da parte de Jesus, contínuo lanças
Cintilações de luz e de calor.
De enveredar as almas, jamais canças,
Pelas ditosas sendas do Senhor.

Aos corações que, inquietos, pressurosos,
Aspiram vir às fontes da Verdade,
Aponta-as com carinhos jubilosos

Nas águas vivas do Evangelho Seu
Que dessedentam tôda a humanidade,
Como a linfa do Horebe ao povo hebreu.

VIII

Da rocha viva da Verdade Eterna,
Inabalável como o próprio Deus,
De quem procede soberana e terna,
Na qual reflete o resplendor dos ceus.

E da imortal Sapiência, à luz interna,
Que a tôdo o ser a essência vê, sem véus,
A cujos pés o mundo, ou se prosterna,
Ou, cego, se transvia nos êrros seus,

Opões a eterna solidez vivida,
Às mutações constantes desta vida,
Ao libertar de angústias retalhantes

Os corações dos homens. Firmar-se-ão
Na Rocha do Deus vivo, com emoção,
As proprias almas débeis, vacilantes.

IX

Fortaleceste em Deus os corações.
Da vida fê-lo o escudo e defensor,
Nas seduções do mal nas aflições
Que lhes inflinge o mundo, em derredor.

Às inconstâncias desta vida, opões
A constância de Deus, à luz do amor.
Às incertezas da alma, contrapões
A consciência imortal do seu Criador.

À lei da vida – a que lhe dá sentido,
Na sua arcana realeza, ao tom vivido
De segurança, ás belas emoções;

Seus ansêios metafisicos viver
Da realidade plena do seu ser,
Faze-os, à paz e ao amor, os corações.

X

Deste mundo de Deus, tão contradito
Pelo homem que lhe sente nos caminhos,
O cruciante afligir dos seus espinhos,
Sem lhe ver o espetáculo bonito.

Dêste belo mundo físico descrito
No Genesis, com afeto e com carinhos,
No Evangelho de Cristo, em pergaminhos,
Deus lhe manda ensinar o Amor bendito.

A sua ideia verdadeira lhe ofereces,
Quando terra do exílio, embora seja,
Dêle evolam-se aos ceus piedosas preces.

Da Vida Eterna, o mérito predito
Por Deus, aqui se alcança, ensina a Igreja,
Nesta arena de glórias do infinito.

XI

Ensinaste-o a viver da liberdade
De filho do Senhor dos Universos;
A preferir o Bem a êsses perversos
Desígnios insinuantes da maldade.

E a uma noção mais clara da Verdade,
Guardar no seu viver costumes tersos.
Quem poderá dizer, em prosa ou versos,
Tôdo o amor que se deve a Divindade?

Porisso exulta de perene gôzo,
De paz suprema, o coração ditoso,
Por quantas bênçãos que lhe vêm dos ceus.

De tal maneira do teu povo as massas
Hinos elevam, como ação de graças,
De amor à Igreja e de louvor a Deus.

XII

Teu jardim de delícias muito amado
É esta Paróquia. Mesmo quando espinhos
Repontam-lhe entre as flôres e os arminhos.
Fato de tão comum, sempre encontrado.

Bem lhe dedicas tôdo o teu cuidado,
Jardineiro de Deus. Vê seus caminhos
Como lhe brotam rosas. Nos seus ninhos
Aves se emplumam para o vôo sagrado.

Vê suas flôres variadas, multicores : —
São dons de Deus, de eternos esplendores,
Com os seus encantos sobrenaturais.

De instrumentos diversos, com alegria,
Ressuma majestática a harmonia
Dos vibrantes acordes musicais.

XIII

Recebe os parabens do povo amigo,
O Padre Odécio, é servo de Jesus,
Com a Igreja Paroquial de Bela Cruz,
Nas suas Bodas de Prata ao laço antigo.

Os cristãos da cidade estão contigo,
Com a Paróquia também que lhes conduz
Como a bons filhos que geraste à luz
Dos Caminhos dos Ceus ao seu postigo.

Exultem ambos de profundos gozos,
No convívio dos filhos amorosos
Que as Bodas lhes festejam eclesiais.

Votos lhes fazem plenos de alegria,
Louvor e paz e bênçãos tôdo o dia,
Com a ternura e a dedicação filiais.

XIV

É dupla a festa; seu esplendor divino,
Que da cidade inteira se desprende.
De engalanadas praças, do etério hino
Que a placidez azul do ceu lhe estende.

Da gratidão seu preito cristalino,
Vibrante e alegre tôdo o povo rende.
Sacra eloquência de perene ensino,
Chispa a tribuna e freme e os ares fende.

E os corações dos homens, fervorosos
Transbordam-se de afetos generosos
Que se propagam prenhes de louvor.

.....

Ao Padre Odécio e à Bela Cruz unidos,
Os pobres versos meus descoloridos,
Também lhes trazem saudações e amor.

NA SEARA DA FÉ

A ENCARNAÇÃO DE CRISTO

O mistério de Deus, na Encarnação,
É a obra prima do Amor e da bondade.
Da Sapiência imortal é a alta expressão,
Mais alta que a criação,—tal é a verdade.

Foi por trazer ao mundo a Redenção
Que o verbo se fez carne; e a Divindade.
Revestiu-se da própria condição
Biológica que a prende à humanidade.

Sujeito às leis deterministas, várias,
Que assinalam as causas secundárias,
Jesus se nos revela a identidade,

Nos gestos de Homem-Deus,—sinal visível
Do Logos absoluto e imprescindível,
Que nos veio libertar para a Verdade.

NASCIMENTO DE JESUS

Na pequena cidade de Belém,
Como rezam as Santas Escrituras,
Pobrezinho nasceu Jesus, se bem
Que era o Senhor de tôdas as criaturas.

Aos homens a ocultar com tais doçuras,
Tôda a glória infinita que lhe vem
Do Verbo do seu Pai, sob as obscuras
Feições do humilde bêrço que alí tem,

Quis nascer num estábulo esquecido
Do mundo aristocrata e pervertido,
Por confundir o orgulho mentiroso.

Mas, ao lhe atrair os simples e os zagais,
Na pessoa dos Reis Magos orientais,
Atraiu-lhe o sábio, o rico e o poderoso.

NO PÔÇO DE JACÓ

Vinha Jesus dos lados da Judeia,
E, com Êle, os seus discípulos também,
Tôdos seguiam destino à Galileia,
Deixando atrás de si Jerusalém,

Cidade Santa de Familia hebrcia,
Que tanto a amou Jesus e lhe fez bem.
A ingratidão, porém, que lhe alastreia,
Fá-lo ausentar-se para muito além.

Chega Jesus, exausto, à Samaria,
E ao Pôço de Jacó, junto a Sicar,
Pousa, diz o Evangelho, em pleno dia.

Alí sucede a cena comovente
Do encontro de Jesus, tão salutar.
Com a infiel Samaritana, agora crente.

NA VIDA E NA MORTE DE JESUS

Na penumbra da Fé, no claro-escuro
Da Santa Humanidade de Jesus,
Vislumbramos, no amor excelso e puro,
A Presença de Deus que nos conduz.

Quer doutrinando as turbas, quer seguro
Da sua Missão Divina,— o Rei da Luz
Mostrou-se-nos, porém, de um modo obscuro,
No seu viver humano e sôbre a Cruz,

Que se arriscou a passar desconhecido
Na própria condição que revestiu,
De um homem sofredor e escarnecido,

Para os homens chamar à Salvação...
Por sua morte na Craz, nos conseguiu
Fontes de Graça e de Ressurreição.

NA RESSURREIÇÃO

No atróz deserto das derilições,
Após sofrer Jesus sôbre o Calvário,
Morre o Filho de Deus entre ladrões,
E é sepultado, envolto no sudário.

Sob o silêncio das desolações,
Que é dos gozos pascais o intinerário,
Aos três dias, qual predisse, entre clarões
Ressuscitou do túmulo mortuário,

Soberano e imortal vem confirmar
Os discípulos seus, na Fé e no Amor,
E ordena-os seu Rebanho apascentar.

A tôdos que a Mim vier, Jesus dizia,
Ao subir, mandarei o Consolador,
E o ressussitarei no último dia.

NA ASCENÇÃO

Jesus abrira as portas da Divina
Mansão Celeste — o Reino da Bondade,
Aos homens que, afinal, de boa vontade,
Aceitam-lhe a Mensagem e a Doutrina.

Consumada a Missão que lhe confina
Nas fronteiras constantes da humildade
Que lhe assinala a Santa Humanidade,
Revelou-nos sua Glória cristalina.

Voltou Jesus ao Pai, deixando a terra,
Na sua Presença física e visível
Que a glória do Poder de Deus encerra.

Porém, das almas transformado em Pão.
Ficou-nos no Sacrário, à Fé, sensível,
No Sacramento Seu de amor e união.

NA EUCARISTIA

Temos Jesus presente tôdo o dia,
Assim nos diz a fé na Sua Promessa,
Cumprida, à hora da Ceia, de forma expressa,
Na Santa Instituição da Eucarístia.

E ao levá-la aos discípulos, dizia:
—Tomai-a e comei, tôdos, lhes confesso:
Êste é meu Corpo, êste é meu Sangue, e dessa
Arte em meu nome, manda, repetí-a.

E a Santa Igreja fiel ao Redentor,
Aos Sacerdotes, pão com vinho, ordena
Mudar no Corpo e Sangue do Senhor.

Que assim quisera Cristo, ardentemente:
—Diz, "não vos deixarei órfãos", voz amena,
"Mas ficarei convosco eternamente".

PENTECOSTES

Quando eu subir ao Pai, com majestade,
Diz Jesus, enviarei o Consolador,
Que para vós virá, com imenso amor.
E a proceder do Pai e de Mim, vos há de

Repetir e inculcar tôda a verdade
Que eu vos tenha ensinado. E, com vigor,
Muitas outras verdades, no esplendor
Dos Mistérios de amor da Divindade.

Testemunho dará de Mim. Também
Testemunho dareis, porquanto bem
A vida conheceis-me e o grande amor.

E ao Dia de Pentecostes, ígneo e ardente,
Desceu o Espírito Santo Onipotente,
Sôbre a nascente Igreja do Senhor.

A SALVAÇÃO DE CRISTO

Estava inteira imersa a humanidade,
Nas grandes trevas do êrro e do pecado.
Teve-lhe dó, o Senhor, do vil estado,
E fê-la libertar para a verdade.

Mas, por que meios fez, na sua bondade,
Para o homem redimir, que, depravado,
Não mais Lh'O conhecia, como era dado
À iníqua idolatria, quanto à maldade?

Por mais que nos pareça coisa incrível,
Deixou de ser Aquêle Ser abstrato,
Para se nos tornar no Deus visível.

E, revestindo a natureza humana,
Jesus—Filho de Deus, conosco nato,
Nos reconduz ao Pai de Quem dimana.

A FÉ DA IGREJA

Na Palavra de Deus, sentido arcano
Que revelou Jesus, maravilhoso;
No unânime consenso harmonioso
Das potências vitais do ser humano;

No humanismo integral e vitorioso
Que ao sobrenatural une o profano;
É racional, é livre e é soberano,
O nosso ato de fé num Deus Bondoso.

Determinismo das segundas causas,
É a penumbra que O esconde e que O revela,
No paradóxo, enfim, da própria Cruz,

Como através dos séculos, sem pausas,
Perpetúa a Santa Igreja, e ardente zela,
A Encarnação Diviva de Jesus.

VISÃO DA CRUZ

Eu vejo o bom Jesus tôdo chagado,
E a circundar-lhe a fronte espinhos tem,
Banhado em sangue o corpo à Cruz pregado,
Da plebe aos vís insultos e ao desdém-

Sereno e divinal, como ninguem,
Mas, aos olhos do mundo, aniquilado,
Eu vejo Nêle um Deus que nos quer bem,
E que por nós se fez crucificado.

Tomando sôbre si nossos pecados,
Redimiu-os, nos seus membros torturados,
E a uma luz interior que nos atrai.

Seu doce olhar lançando à humanidade,
Aponta-lhe o Caminho da Verdade,
E unindo-nos a Sí, nos leva ao Pai.

À MARIA SANTÍSSIMA

Teus privilégios, celestial Maria,
Quem poderá cantá-los, dignamente?
Ninguem melhor tuas glórias narraria
Que a Sagrada Escritura reverente.

Deus no Éden prometeu que mandaria
O Salvador do mundo delinquente,
Através da Mulher que esmagaria
A vil cabeça da infernal serpente.

És tu, Virgem bendita, esta Mulher,
—Aquela a Quem Izaías previu de ser
A Mãi do Cristo-Rei que o Cèu festeja

E fez-te isenta à culpa original.
Subiste, Rainha amada, ao Céu triunfal,
Mãi de Deus, Mãi dos Homens, Mãi da Igreja.

SÃO PEDRO

Dos lagos da Judeia, humilde pescador,
Lançara a rêde em vão, sem nada recolher
Durante aquela noite. Já dia, o Salvador,
Jesus da Galileia, ao seu barco foi ter.

E após dêle ensinar a Doutrina do Amor
À multidão que o segue. Ao largo se fazer
Mandou Jesus a Pedro. O barco sulca a flor
Do Lago Tiberiade, intrépido a vencer...

"As rêdes lança na água": diz-lhe o Redentor,
E, Pedro obedecendo ao mando do Senhor,
Tanto peixe apanhou, qual nunca houvera visto.

Em face do prodígio, Pedro, humildemente,
Ajoelha-se a Seus pés.— Sorrindo complacente:
"T'o farei pescador de almas": lhe afirma Cristo.

SÃO PAULO

Ó Apóstolo São Paulo,—alma ardorosa
Do amor e santidade que irradia!...
Convertido, que foste, à luz do dia,
Na estrada de Damasco, esplendorosa.

A tua excelsa figura corajosa,
Aureolada da glória e simpatia,
Refulge gigantesca na harmonia
Da Doutrina de Cristo, generosa.

Teus feitos imortais no intinerário
Da fè, como o carvalho milenário,
Mais séculos se passam sôbre a idade,

Frondoso e colossal se enrija e cresce
Nas verdades sublimes que oferece,
Por alimento a tôda a cristandade.

SÃO JOSÉ

Da estipre de Davi nobre rebento
E humilde carpinteiro em Nazaré.
Foste, ó sublime e casto São José,
O Homem justo do Antigo Testamento!

Escolhido, por Deus, esposo atento
Da Virgem Mãi de Cristo, Rei da Fé,
Seu Unigênito Filho.—Aquêle que É
O Redentor do Novo Testamento.

Salvaste à mão do Herodes assassino,
Jesus Infanta—o Deus feito Menino,
Dedicado, solícito e amoroso.

É mui justo o prestígio celestial
Que na Glória, gozais, do ceu ditoso,
De Patrono da Igreja Universal.

SÃO JOÃO BATISTA

Pelos vales e os montes da Judeia,
A voz do precursor, feito eloquência,
Se elevara a ensinar a penitência,
Com arroubos de Doutrina à gente hebreia

De Judá, do deserto à Galileia,
Os vícios vergastava com violência...
E os homens simples, bem como os de ciência,
Admiravam-lhe a luz que o verbo atêia.

"Preparai-lhe os caminhos do Senhor,
Os montes rebaixai e aplanai seus vales,
Que è chegado entre nós o Salvador".

Assim pregava o grande João Batista.
Faze-o, hoje, como outrora, há tantos males
No mundo indiferente e comodista!

SÃO SEBASTIÃO

Valente e corajoso Militar
Da Guarda Palaciana do Romano
César Imperador—ímpio e tirano,
Soubeste ao mal da côrte superar.

Foste súdito leal, quanto exemplar,
No cumprimento honesto e soberano
Dos deveres de estado; foste humano
Favorito do Cesar de além-mar.

Entre os pagãos guardavas com fervor
A Fé de Jesus Cristo—o Salvador,
Incólume no ideal do coração...

Na Fé, suplício atróz sofreste em vida,
Da Côrte sanguinária e pervertida,
Glorioso e Mártir, ó São Sebastião.

SÃO LUIZ DE GONZAGA

Ao Revmo. Con. Joviniano L. Sampaio

Olhaste o mundo em tôrno e viste a pequeneza
Do que não tem Jesus e a Divina Vontade.
Despresaste da Côrte o fastígio e a vaidade.
Tendo tua alma de luz sedenta e de beleza

A Corôa renunciaste à dinastia francesa,
E foste, então, viver a vida da humildade,
Deixando os vãos prazeres pela castidade,
Do Cristo imitador, no amor e na pureza.

Trocaste o luxo, o fáusto, a glória da riqueza,
Voluntário a abraçar a vida de pobreza
Da órdem de Santo Inácio ao culto de Jesus.

A tua breve existência de alta santidade,
Legou o mais belo exemplo a tôda a mocidade,
—Exemplo de pureza e de fé que a seduz.

SÃO VICENTE DE PAULO

Ao Revmo. Pe. Benedito V. Araujo

I

Na choça do mendigo, ou no solar do nobre,
Penetra São Vicente, êste anjo de humildade,
Como um feixe de luz da Suprema Bondade,
Aonde a aflição com a fome e a lágrima descobre.

Qual nume protetor, da pobre humanidade,
De quem de linho veste, ou de andrajos se cobre.
—Ao rico leva o amor: e o pão que falta, ao pobre,
No exercício eficaz da santa Caridade.

Assim cumprindo o máximo entre os mandamentos,
Aos homens minorando vai, dos seus tormentos,
—Os tormentos da carne e os tormentos morais.

Sua obra imortal, enfim, deixou perenizada
No ouro dos corações. E a memória cultuada
Terá, da simpatia e do amor universais.

II

Grande São Vicente,
Amigo e Pai amado.
Protetor do pobre,
Do desamparado.

A tua caridade
Chegue até a galé,
Reascendendo na alma
A esperança e a fé.

A amenizar o ódio,
Difundido o amor,
Que se volte o mundo
Para o Salvador.

Vê! De tua obra excelsa
Que não se arrefece,
Colhe o espaço e o tempo,
Generosa messe.

Enxugaste o pranto,
E aliviaste a dor,
Espalhando bênçãos,
Suscitando amor.

Traze aos corações
Paz, amor e luz,
Da Doutrina Santa
Que ensinou Jesus

Que aos teus pobresinhos
Nunca falte o pão,
Agasalho e teto,
Luz, amor, perdão.

Que na terra os homens
Num fraterno "show",
Amem-se uns aos outros
Como Deus amou.

Do Salvador é êste
O néo-mandamento,
Nêle vive o Novo,
Velho Testamento

Quem diz: amo a Deus
E nâo ama a seu irmão,
Êsse é um mentiroso,
Afirma São João.

ADORAÇÃO

Deus, que ascendeis no humano coração
Esta chama imortal da Fé Cristã
Que à vida dá sentido e explicação
Às questões de ôntem, de hoje e de amanhã.

Que prometeis a eterna Salvação,
Após da vida contornar o afã;
Vencer o vício, o mal e a vil paixão,
Se fieis lhe formos à Doutrina sã.

Vós que imprimís na fronte do Universo
O sêlo da bondade e o mais diverso
E real encanto às belas emoções,

Honras Vos sejam dadas nos Altares,
No Ceu, na Terra e em tôdos os lugares,
— Glória ao Divino Rei dos Corações.

NECROLÓGIOS

À MINHA MÃE

Sofreste muito, minha mãi querida!
Quão árdua foi e espinhosa a caminhada
Que de empreender tiveste, na tua vida,
Com as mil dificuldades da escalada,

Foi mui íngreme a ladeira, enfim, vencida,
Desta tua missão humana consumada!
Tiveste muita lágrima vertida
Ao longo da existência contornada.

Impressas guardo na alma as tristes cenas,
De aflitas dores, prolongadas penas,
Que aos poucos te levaram à hora extrema.

E se ainda me dói tanto o coração.
A crença em Deus me dá a consolação
De que gozas, no Ceu, da Paz da Suprema.

AO MEU PAI

Doze anos completou que tu partiste.
— Partiste para nunca mais voltar . . .
Lembro-me bem daquela tarde triste,
Em que de vez deixaste o nosso lar.

Tua presença, meu pai, viva persiste
Na memória dos teus, a iluminar
Com a doce luz que para nós consiste
Tua santa vida de cristão exemplar.

Depois que tu deixaste esta morada,
Pelo Reino dos justos, com que Deus
Lhes premeia a vida que Lhe foi votada.

Tanta cousa ocorreu-nos nesta vida . . .
— Foi encontrar-se contigo lá nos Ceus,
Tua santa espôsa e nossa Mãi querida.

LUCÍDIA

Aos seus desolados pais, Francisco Felipe Rocha e Da. Altinha P. Rocha

X

Em plena adolescência a vida lhe sorria
Feita de encantos mil, de ventura louçã.
Brilhava como um sol de perene alegria,
Banhando um lar feliz de rosada manhã.

Um dia, no entanto, ao lábio, extranha profecia
Assoma-lhe, no arroubo da alma pura e sã,
A dizer, num sorriso de amor: "Hoje é o dia,
Da minha vida, mais feliz", terna e cristã.

Entanto, além, rugia-lhe o torvo mar profundo,
Ameaçador, letal, como uma hiena raivosa,
Blasfêmias vomitando altivo e furibundo.

Alegre e prazenteira, feliz e jovial,
Porém da alma a seguir a sua voz misteriosa,
Do oceano lhe embalava a música fatal.

II

E ao brincar-lhe com a salsa espuma alvinitente,
Enquanto a seduzia a sua música falaz,
Se deixava arrastar num desejo inocente
De abraçar o infinito das águas colossais.

E êsse monstro traiçoeiro, o negro mar ingente,
A escancarar as fauces tredas e abismais
Das ondas lhe tragou no abismo delinquente,
Roubando-a ao carinho extremo dos seus pais.

E arrependido o mar, penitente a gemer
Agora, mais profundo e lúgubre e sentido,
A chorar com o pesar de quantos faz sofrer,

Na praia vem depor seu corpo inanimado,
A querer reparar o crime cometido,
Tentando restituir o tesouro roubado.

III

Silêncio. Se há mistérios na terra e nos ceus,
São os segredos de amor da Eterna Providência,
Profundos e insondáveis como é o próprio Deus,
— A Essência da Beleza, a Bondade e a Sapiência.

O mundo era pequeno e estreita esta existência,
Talvez, para conter os belos sonhos seus.
Porisso a mão de Deus, de eterna complacência,
Arrebatou-a a sua Glória intérmina e sem veus.

Da cidade de Deus, onde estás, certamente,
Intangível, feliz, as dores desta vida,
Ó, alcança de Jesus o alivio, incontinente,

Dessa chaga mortal que aflige o coração
Dos teus.— Lucidia vem ungir essa ferida
No bálsamo da Páz e da Consolação.

MARIA LIMA

Finou-se, para sempre, à luz da vida,
Após longo e terrivel sofrimento.
Porém, com sua alma forte e bem nutrida,
Soube as dores vencer sem desalento.

Foi dócil, serviçal, quanto movida
Do espírito cristão, com zelo atento.
Alma plena de fé, casta e florida
Tinha a bondade e o amor por alimento.

O seu culto a Jesus e à Virgem Santa,
De quem foi Filha amante e dedicada,
Foi um exemplo de fé que nos encanta.

Lá da Pátria dos bons onde, por certo,
Tiveste, Maria Lima, bela entrada,
Por tôdos roga deste mundo incerto.

IMPRESSO
Nas Oficinas Grafica «CORREIO DA SEMANA»
SOBRAL — CEARA